

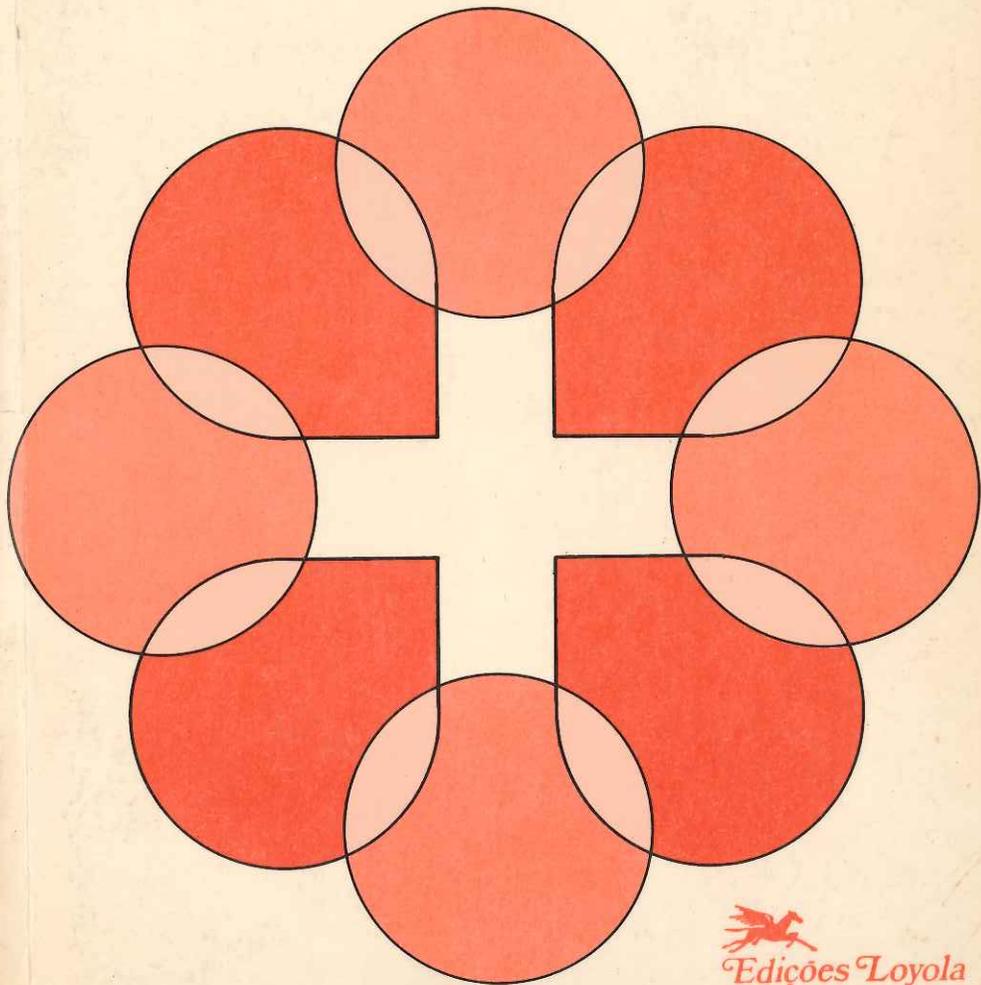
CEFERINO GARCÍA, S. J.

COMUNIDADES DE VIDA CRISTÃ — 2

(CVX)

*Subsídios para a
iniciação*

COMUNIDADES DE VIDA CRISTÃ-2




Edições Loyola

CEFERINO GARCÍA, S. J.

hoiãã bello

COMUNIDADE DE VIDA CRISTÃ (CVX) - 2

CEFERINO GARCÍA, S.J.

COMUNIDADES DE VIDA CRISTÃ (CVX) - 2

1. SUBSÍDIOS PARA A INICIAÇÃO

Tradução
Jesús Hortal, S.J.



Edições Loyola

COMUNIDADE DE VIDA CRISTÃ (CVX) - 1

MATERIAIS PARA SU INICIAÇÃO

Editora Sal Terrae

Título original: *Comunidad de Vida Cristiana - 1. Materiales para su Iniciación*

© Editora Sal Terrae. Santander, Espanha, 1987

Edições Loyola

Rua 1822 n. 347

04216 — São Paulo — SP

Caixa Postal 42.335

04299 — São Paulo — SP

Tel.: (011) 914-1922

© EDIÇÕES LOYOLA, São Paulo, Brasil, 1988

Aos grupos do Centro Juvenil "Loyola" e "Fé e Desenvolvimento" (Valladolid) que nos fizeram sentir a necessidade destas páginas. Para que consigam amadurecer como Comunidades de Vida Cristã.

...

...

...

...

...

Para as citações dos textos bíblicos, usamos sempre a Bíblia – Mensagem de Deus, LEB – Edições Loyola.

Para as dos Exercícios Espirituais de Santo Inácio, a tradução do autógrafo espanhol feita pelo Pe. Joaquim Abranches, S.J., Edições Loyola.

SUMARIO

PRÓLOGO	9
---------------	---

Primeira Parte: Iniciação à oração

I – O PROCESSO DA ORAÇÃO PESSOAL	13
1. Preparação	13
2. Presença de Deus	15
3. Atualização da matéria da oração	16
4. Aspectos da oração	17
5. Saída da oração	21
6. Esquema do processo da oração pessoal	22
7. Esquema do processo da oração comunitária	25
8. Esquema para avaliar a oração	27
II – EXERCÍCIOS PRÁTICOS PARA A INICIAÇÃO NA ORAÇÃO	31
1. Senhor, que eu veja!	32
2. Uma nova mentalidade	38
3. Pai-Nosso (1)	43
4. Pai-Nosso (2)	49
III – A REPETIÇÃO E O RESUMO DA ORAÇÃO	55
1. Personalização	55
2. Sentir e saborear intimamente as coisas	56
3. Repetir e resumir	56

Segunda Parte: Iniciação à comunidade

OBJETIVO GERAL	63
IV – REUNIÃO INTRODUTÓRIA: QUE PROCURAIS	67
V – PRIMEIRA REUNIÃO: SOMOS UM GRUPO DE PESSOAS DIFERENTES ..	71
VI – SEGUNDA REUNIÃO: CONVOCADOS TODOS PELO SENHOR	81
VII – TERCEIRA REUNIÃO: OS MAIS NECESSITADOS SÃO OS PRIMEIROS	87
VIII – QUARTA REUNIÃO: O NOSSO CENTRO VITAL	95
IX – QUINTA REUNIÃO: CAPACIDADE PARA A MUDANÇA	101

X - SEXTA REUNIÃO: TOLERÂNCIA E DIÁLOGO	111
XI - SÉTIMA REUNIÃO: RESPEITO PARA COM O RITMO DE CADA UM ..	117
XII - OITAVA REUNIÃO: GENEROSIDADE	121
XIII - NONA REUNIÃO: CONCENTRAÇÃO	127
XIV - DÉCIMA REUNIÃO: ESPÍRITO DE SUPERAÇÃO	133
XV - AVALIAÇÃO DESTA ETAPA	139

PRÓLOGO

Uma Comunidade pode surgir como conseqüência de uns Exercícios Espirituais ("retiro"), realizados pelas pessoas que a integram. Às vezes, porém, o processo é diferente: primeiramente formam-se grupos de jovens para dar continuidade à experiência de um encontro, ou nascem grupos de casais, com uma grande diversidade de motivações. Tanto uns quanto os outros começam uma caminhada com vistas à formação de uma Comunidade de Vida Cristã.

As dificuldades aparecem quando, após as primeiras reuniões, todos chegam à convicção de terem entrado num processo com duas características muito significativas: a) o processo é *longo*; b) não existe nenhum itinerário comum, pelo qual possamos caminhar despreocupados: "faz-se caminho ao andar". Estas dificuldades são especialmente agudas para aqueles que têm a missão de "confirmar na fé os seus irmãos" e em cujas mãos o grupo se entregou com toda docilidade e confiança. É exatamente nesse momento, quando o *assessor, monitor, conselheiro* etc. descobrem que estão diante de uma aventura, na qual o risco e a responsabilidade que lhe caíram em cima são proporcionais ao entusiasmo e à entrega manifestados pelos integrantes do Grupo.

Aqueles que passamos por essa experiência conhecemos as visitas apressadas às livrarias e as consultas às fichas bibliográficas, a fim de encontrarmos nelas o desejado talismã, que, sem dar-nos excessivo trabalho, coloque na pista de decolagem tanto a Comunidade quanto aquele que deve guiá-la. Os mais audazes seguem um outro caminho mais árduo: procuram construir cada semana ou cada quinze dias o material que lhes permita saírem-se bem da empreitada. Se o grupo continua unido e vai dando provas de amadurecimento, vão-se esgotando os recursos. Mas isso não é o pior; dentro de cada um de nós surge a pergunta: "qual vai ser o passo seguinte?"; e aprofundando ainda mais: "estamos desenvolvendo um verdadeiro processo?"

São muitos os grupos que vão surgindo e, após um certo tempo de euforia, desintegram-se. É característico do momento atual

um certo receio perante "o institucional". Parece-nos que o espontâneo, o "carismático", o nosso jeito de fazer, não têm por que perder a sua riqueza integrando-se em movimentos ou associações que irão cercear nosso modo de ser. Alguns grupos superaram este medo e se integram em movimentos que lhes permitam encontrar o caminho para a sua maturidade.

Estas páginas foram escritas pensando naqueles que devem ser assessores desses grupos, para fazerem deles *Comunidades*. Mostram um caminho dentro da pedagogia concreta, útil tanto para os que desejam uma integração em associações quanto para os que escolheram um processo autônomo. Se a experiência for válida, este *primeiro passo* será seguido por outros que ajudem a progredir rumo a uma Comunidade de Vida Cristã.

PRIMEIRA PARTE

INICIAÇÃO À ORAÇÃO

I - O PROCESSO DA ORAÇÃO PESSOAL

1. Preparação

Todas as atitudes humanas requerem uma atitude particular, sobretudo aquelas que comprometem a pessoa toda, tanto em seus pensamentos como em seus atos. Um desses atos é a oração.

1.1. Por isso, dizemos que é preciso serenar-se. Isto supõe:

— Fazer silêncio ao nosso redor, evitando tudo aquilo que possa atrair nossa atenção: silêncio externo: barulhos: de conversas próximas, da TV, música com canto... ou barulhos de significado especial: uma sirene; não tem importância o ruído contínuo dos carros ou de um motor... A música sinfônica, sem canto, pode ajudar a se concentrar, mas pode ser uma evasão.

— Outro tipo de silêncio é aquele que evita “ruídos interiores”: o *silêncio interno*, mais difícil, mas não por isso menos necessários. Requer-se um ato de disciplina que é preciso conseguir com constância: *preocupações ou angústias*: todos temos sempre algo que nos preocupa ou angustia. São assuntos da vida que não dá para resolver; se dependessem somente de nós, acabariam logo. Por isso angustiam-nos, porque desejamos que terminem; mas, por outro lado, não está na nossa mão eliminá-los. São pensamentos que evitamos nas horas em que estamos ocupados ou distraídos, mas que nos vêm quando “paramos” a pensar ou ficamos com os nossos próprios pensamentos. Precisamos fazer um furo através deles, ou “estacioná-los”, ficando *conscientes* de que eles estão aí e de que, se não resolvemos antes o assunto, também não o vamos conseguir agora.

— Um grande obstáculo para a oração são as *pressas*. No momento de começarmos a oração, todas as atividades do dia se tornam urgentes e reclamam a nossa atenção, de tal forma que nos escravizam. Precisamos proclamar *firmemente*, em nosso interior, que essa urgência é tão grave nesse momento quanto ao terminar a oração. Não ceder a essas pressas para terminar, porque quebram o clima de oração e levam a “recortar” o tempo marcado. Esquecer de tudo o que vamos fazer após a oração. Depois teremos tempo para pensar nisso!

— Há pessoas que, no início da oração, sentem medo. Medo de ficarem a sós consigo mesmas. Medo de estarem perante Deus. Medo de não saberem o que fazer; de fazê-lo mal; de fracassar; de não acertarem. A oração possui uma pedagogia; aprende-se. E, como todas as coisas, inicialmente pode ser feita de modo excessivamente mecânico, rígido, sem fluidez, mas não deixa de ser oração. É conveniente ter à mão algumas ajudas - esquemas, livros, anotações -, sobretudo, é quase imprescindível uma *pessoa-acompanhante do processo pessoal da oração*. Com a ajuda dela, serão superadas as dificuldades, adquirir-se-á maior espontaneidade e a oração se tornará um diálogo pessoal com o Senhor.

1.2. *Abrir-se para a consciência de si próprio*

É absolutamente necessário que o trabalho negativo do ponto anterior seja acompanhado por outro passo positivo: a pessoa sentir-se ela mesma. E dizemos “sentir-se”, o que equivale a experimentar-se. Não se trata de uma idéia a ser desenvolvida, mas de uma experiência a ser desencadeada. Para tanto, ajuda (conseqüentemente, não é imprescindível):

— *Sentir a própria respiração*. Respirações profundas, sentindo a entrada e a saída do ar, sem pressa, com um certo ritmo. Além de uma maior oxigenação do cérebro, isso nos faz tomar consciência do nosso ser, enquanto diferente daquilo que nos rodeia. Fixa a nossa atenção em nós mesmos, prescindindo de tudo aquilo que pode perturbar a paz e a serenidade interior, relegando ao esquecimento tudo aquilo de que se falou no primeiro ponto.

— *Sentir os membros do corpo*. Também ajuda a percorrer os membros do corpo, fixando a atenção em cada um deles, descendo a partir da frente, pelos olhos, faces, lábios etc., parando alguns segundos, pelo tempo que duram três ou quatro respirações profundas.

— *Relaxar toda tensão*. É uma conseqüência do anterior. Assim se consegue um estado ótimo, que capacita para começar a viver toda a aventura da relação com Deus.

2. Presença de Deus

Se a oração é uma relação eu-TU, não basta ter a consciência do eu; impõe-se atualizar aquilo que sabemos pela fé: Deus está conosco.

2.1. São Paulo diz que "nele somos, nos movemos e existimos".

Deus está intimamente dentro e fora de nós que poderíamos compará-lo ao estado de uma esponja dentro da água. Trata-se de reavivar em nosso interior aquilo que sabemos pela fé. Não vemos a Deus, não o tocamos, mas sabemos que está. Algo assim como quando num quarto sem luz somos capazes de sentir a presença de um outro, mesmo que permaneça em silêncio. Lá está Ele!

2.2. Mas essa presença não basta; é preciso renovar a certeza da nossa possibilidade de relacionamento com Ele... "No dia em que eu clamei Tu respondeste; e o vigor em minha alma Tu dilataste" (Sl 138, 3). Lembro algum momento especial da minha vida em que isto se tornou verdade, em que senti palpavelmente essa relação de escuta.

2.3. Uma vez sentida vivamente essa polaridade (eu-TU), impõe-se a realidade dele, de Deus. Vou dirigir-me a meu Pai, ao Senhor; é o *Criador* quem me deu aquilo que sou, porque sou *objeto do seu amor*. Ele me acariciou desde sempre e pensa em mim com um *chamado especial*, a fim de que, em todo momento, viva para Ele, tornando realidade o seu Reino entre os homens. A minha oração é um meio, um caminho que Ele me deu para que isso penetre profundamente na minha vida e se torne tão propriamente meu que, do mesmo modo que acontece com a respiração, a minha vida esteja sempre orientada para Ele.

Por isso, digo-lhe devagar, deixando que penetre nas minhas atitudes:

"SENHOR, DAI-ME A VOSSA GRAÇA, A FIM DE QUE TODAS AS MINHAS INTENÇÕES, AÇÕES E OPERAÇÕES (deste momento de oração e sempre) SEJAM PURAMENTE ORDENADAS PARA O SERVIÇO E LOUVOR DE VOSSA DIVINA MAJESTADE".

Esta oração renova, em nosso interior, algumas atitudes básicas, necessárias para entrar na oração:

HUMILDADE (Sou criado, recebi tudo dele.)

CONFIANÇA (Porque aquilo que sou foi amado e querido por Ele.)

SEGURANÇA (Ele quer que responda ao seu chamado, com aquilo que posso e tenho.)

ENTREGA (Tudo dirigido a viver para Ele, a fim de realizar seu Reino entre os homens.)

Aqui terminam os preâmbulos de qualquer oração.

3. Atualização da Matéria da Oração

Começa a preparação do momento concreto de oração, de cada um deles; aquilo que fará uma oração diferente da outra.

3.1 A oração se faz sobre uma matéria concreta:

— Uma cena de vida de Jesus ou de Maria, p. ex.: o nascimento de Jesus, ou um fato da vida atual.

— Uma parábola evangélica ou uma alegoria, p. ex.: o rico avarento e o pobre Lázaro, ou uma parábola literária atual.

— Um discurso, p. ex.: o Sermão da Montanha, as bem-aventuranças.

— Um texto, p. ex.: uma passagem de uma carta de São Paulo, ou de uma encíclica de um Papa.

Para aproximar-me dessa matéria, faço uma leitura repousada, com o comentário que talvez a acompanhe ou daquele que utilizo como ajuda, para compreender melhor o que diz, ou procuro situá-lo dentro da vida cristã, da minha vida concreta etc.

3.2. *Existem matérias que já estão localizadas: aconteceram em algum lugar:*

- O nascimento de Jesus foi em Belém, num lugar concreto.
- Um acontecimento da vida atual desenrola-se num lugar com traços definidos.
- Uma parábola é uma cena com personagens que falam e se movimentam.

A fim de ajudar a imaginação, reproduzo mentalmente o lugar onde esses fatos aconteceram. Procuro vê-lo, tal como eu penso ou acho que podia ser. Carece de sentido uma preocupação excessiva por isto. Trata-se de uma ajuda, para *sentir-me presente* àquilo que vou considerar.

3.3. Cada momento concreto de oração expressa o desejo de uma GRAÇA particular, que é determinada pela:

- matéria sobre a qual se ora.
- situação da pessoa.

Se a matéria da oração é uma passagem evangélica (p. ex., a cura do cego de Jericó), as graças da oração podem ser:

- a) Conhecimento interno de Jesus, que tem tal compaixão pelos necessitados...
- b) Senhor, que eu veja...!, neste assunto concreto que me preocupa.
- c) Uma confiança tão grande quanto a do cego...

A situação pessoal é que concretiza e define qual é, naquele momento, aquilo que se deseja conseguir como graça do Senhor.

4. *Aspectos da Oração*

A oração é um ato complexo, porque apresenta diversas atividades; mas é, simultaneamente, unitário: faz-se espontaneamente, con-

forme é exigido pela dinâmica da atividade pessoal. Para podermos explicar um pouco mais e com maior clareza as coisas, dividimos a nossa exposição em vários parágrafos; isso não significa que essa SEJA A ORDEM INFLEXÍVEL E RÍGIDA que devemos seguir. São aspectos que compõem uma atividade unitária.

Algumas vezes, será mais predominante um aspecto: a meditação, o silêncio...; outras, predominará mais a atenção aos sentimentos, o colóquio...; mas, sempre estarão presentes, de forma mais ou menos explícita, todos os componentes. Isto depende das matérias, dos temperamentos pessoais, da prática da oração e, sobretudo, da GRAÇA do Senhor, que é quem dirige a oração.

O grande sucesso da oração está em alguém ser o mais dócil possível aos chamados do Senhor. Algumas vezes, serão claros; outras, nem tanto. Isto quer dizer que o nosso empenho tem que estar sempre disposto, mesmo quando as coisas não são tão fáceis. Os mestres da oração usam uma comparação: quando um barco tem vela e sopra o vento, só precisa governá-lo bem, a fim de aproveitar essa força do melhor modo possível; mas se o vento não sopra, a vela não serve para nada, nem o timão; precisa puxar os remos, se desejamos avançar. Se o vento torna a soprar, então guardamos os remos, até a nova calmaria.

Isto quer dizer que a oração é um diálogo com Deus, onde Ele tem a voz cantante... Ele é o Senhor!...; mas se essa voz não é escutada, então é preciso "remar", temos que escutá-la através dos meios normais: a consideração e reflexão sobre a matéria, nossos sentimentos etc. E isto será o que teremos que fazer inicialmente, até que a voz do Senhor se faça clara.

Lembremos a cena da vocação do profeta Samuel: o Senhor o chama de noite: Samuel! Samuel!; e o menino Samuel vai ao quarto do sacerdote Eli: aqui estou, pois me chamaste! Após três vezes, Eli percebe que é o Senhor quem chama Samuel, mas este não conhece ainda a sua voz, e lhe recomenda responder: fala, Senhor, que o teu servo escuta!

A voz do Senhor irá aparecendo clara, na medida em que formos entrando neste mundo da oração.

4.1. *Meditação: reflexão*

Todos os tipos de matéria de oração, que indicamos no ponto 3.1., têm em comum aquilo que poderíamos chamar “um ensinamento”; algumas vezes, mais teórico e abstrato, e outras de forma mais vivencial: comportamentos ou atitudes refletidos em fatos.

— A meditação é um processo de reflexão, no qual o ensinamento ou doutrina da matéria da oração é atualizado na memória, a fim de compreender o que se diz e

— colocá-lo em relação com outros ensinamentos da vida cristã que já sabemos ou que, nesse momento, mais nos preocupam.

Este é um trabalho que não deve ser excessivo. Às vezes, basta um olhar rápido; outras, mais lento; mas nunca é o mais importante. Deve-se dar passagem logo:

À integração do conteúdo ou ensinamento da matéria da oração com a vida própria da pessoa que faz oração. Esta integração é a resposta às seguintes perguntas:

Como vivo eu isto? tive-o até agora em conta?

A minha forma de vida, a minha conduta, são afetadas por isto?

Mostra-me um caminho novo? Confirma-me naquilo que iniciei?
Dá-me vigor e entusiasmo para seguir adiante?

— Em outras ocasiões, o trabalho consiste em colocar em relação a matéria com a vida de Jesus. Onde e como viveu Ele aquilo que estou contemplando? Se Ele vivesse hoje e se encontrasse na minha situação, como se comportaria? O que faria ou diria?

Isto nos levará a aprofundar e atualizar o nosso conhecimento da pessoa de Jesus e de sua doutrina.

4.2. O que precede é necessário, ainda mais nos inícios da vida de oração, mas não é mais do que um pano de fundo, uma base. Às vezes, a atividade da pessoa é suprida pelo desenvolvimento do tema. É algo semelhante a um trabalho de estudo ou de assimilação. Por isso, é apenas uma base, conseguida pessoalmente (e é da maior estima, por ser própria) ou dada por

outra pessoa (e então é mais exterior, vinda de fora). Seja como for, é muito importante:

— CONTEMPLAR *em* SILÊNCIO, sem pressa, aquilo que foi achado ou descoberto, visto como que formando um todo; avaliando a sua importância, deixando que as coisas penetrem no interior, quer sejam idéias, quer atitudes dos personagens.

Nesta contemplação silenciosa, é onde surgem:

4.3. Os sentimentos que nos impulsionam e nos freiam no seguimento de Jesus. Estes sentimentos podem lutar em nosso interior, ou dar-nos a paz. É aquilo que se conhece com o nome de “desolação” e “consolação” e que é muito conveniente conhecer e saber discernir, a fim de progredir no mundo da oração.

4.4. Entremeando com tudo isso e como que formando a medula autêntica da oração, estão os momentos de relacionamento direto com o Senhor: o COLÓQUIO.

É um diálogo entre amigos com o Senhor, com Maria... Ele nos fala, através de sua Palavra escrita no Evangelho ou através dos acontecimentos de nossa vida ou por meio de outros homens. A sua Palavra assim recebida foi escutada em nosso interior, refletida, compreendida, sentida e feita carne própria ao aplicá-la a nossa vida cotidiana com suas circunstâncias concretas. Agora o COLÓQUIO é uma resposta a tudo isso e se exprime através de sentimentos de um ou outro tipo, conforme se tenha desenvolvido a oração:

— AÇÃO DE GRAÇAS por todos os dons recebidos durante a vida ou nesse momento de oração, ou por algo concreto em que vimos claramente a sua intervenção em nós (isto marcaria a matéria da oração): ter sabido responder com generosidade ao seu chamado, em tal ou qual momento.

— LOUVOR AO SENHOR. Não é o mesmo que a ação de graças. O louvor brota na pessoa quando contempla a grandeza, as maravilhas em que Ele se manifestou. É um sentimento que tem relação com o assombro, a admiração; p. ex., ao cair na conta de nossa pequenez, comparada com a grandeza dele.

— PETIÇÃO DE PERDÃO. Sabemos que o Senhor perdoa tudo aquilo que em nós há de diferente, obscuro e pecaminoso; não duvidamos disso. Se pedimos perdão, é porque estamos conscientes de nossa situação e desejamos apresentá-la tal como ela é.

— PETIÇÃO DE AJUDA. O reconhecimento de nossas falhas e pecados nos leva a desconfiar, uma vez mais, de nós mesmos; a sentir a necessidade de recorrer àquele que é toda a nossa vida. Por isso, pedimos:

- LUZ, para conhecê-lo; para compreender seu amor, sua vontade e seus caminhos para conosco.
- GRAÇA, para deixar nossas mesquinhas e CONVERTER-NOS continuamente àquilo que Ele nos manifesta.
- FORÇA, para perseverarmos no caminho que Ele nos indica; para “não jogar a toalha”.

5. Saída da Oração

É um momento de despedida do Senhor, durante o qual resumimos brevemente tudo aquilo que vivemos e experimentamos durante esse tempo de oração. Quando é feito durante o Retiro, é a passagem para iniciar a AVALIAÇÃO DA ORAÇÃO.

No fim, pode-se recitar o PAI-NOSSO, com consciência e sentimento.

ESQUEMA DO PROCESSO DA ORAÇÃO PESSOAL

1. Preparação

1.1. SERENAR-SE: Fazer silêncio sobre tudo aquilo que preocupa, inquieta ou angustia.

Rejeitar a pressa de terminar ou de fazer outras coisas.

Eliminar os temores.

1.2. ABRIR-SE PARA A CONSCIÊNCIA DE SI PRÓPRIO:

Sentir a própria respiração, os membros do corpo.

Relaxar todas as tensões.

2. Presença de Deus

2.1. ATUALIZAÇÃO DA FÉ: "Nele, somos, nos movemos e existimos".

2.2. CONSCIÊNCIA DO RELACIONAMENTO PESSOAL COM ELE.

2.3. ATITUDES PESSOAIS: ORAÇÃO PREPARATÓRIA

— Humildade (Ser criado).

— Confiança (Amado por ele).

— Segurança (Chamado por ele).

— Entrega (Viver para ele).

3. Atualização da Matéria da Oração

3.1. Leitura repousada do texto escolhido.

Lembrança do tema sobre o qual vou orar, o acontecimento (fato da vida).

3.2. LOCALIZAÇÃO DA CENA: EVANGÉLICA, DO ACONTECIMENTO...

Centro a imaginação e me faço presente à cena.

3.3. Expresso, num diálogo com o Senhor, a GRAÇA que desejo obter, nesse tempo de oração.

4. Aspectos da Oração

4.1. MEDITAÇÃO: REFLEXÃO

Para compreender aquilo que a matéria nos ensina.

Relação com outros ensinamentos da vida cristã.

Integração com a própria vida.

Conhecimento mais profundo do Evangelho: pessoa de Jesus e sua doutrina.

4.2. CONTEMPLAÇÃO: SILÊNCIO

Avalio aquilo que acabo de encontrar.

Presto atenção e escuto aquilo que vi ou refleti.

Fico calado e olho aquilo que dizem os personagens da cena evangélica...

Desejo que as coisas penetrem no meu interior.

4.3. SENTIMENTOS PRODUZIDOS: ATENÇÃO PARTICULAR

Ao considerarmos as idéias, as pessoas e suas atitudes, a própria vida, brotam, no nosso interior, sentimentos de:

— Gozo, alegria, paz, entusiasmo, segurança, fortaleza, acolhida, otimismo.

— Pena, tristeza, inquietude, desânimo, abatimento, medo, solidão, pessimismo.

Estes sentimentos relacionam-se com o *seguimento de Jesus*: empurram-nos ou nos freiam...

4.4. COLÓQUIO: ORAÇÃO

É um diálogo com o Senhor ou com Maria... como entre amigos.

É um resposta à PALAVRA escutada, compreendida, sentida, aplicada.

Exprime-se como:

AÇÃO DE GRAÇAS pelos dons recebidos na oração, na vida.

LOUVOR AO SENHOR por suas maravilhas e grandezas.

PETIÇÃO DE PERDÃO pela pouca correspondência: pecados, negligências...

PETIÇÃO DE AJUDA: luz para compreender, graça para mudar, força para perseverar etc...

5. Saída da Oração

Breve resumo daquilo que vivi e experimentei nesse tempo. PAI-NOSSO.

ESQUEMA DO PROCESSO DA ORAÇÃO COMUNITÁRIA

1. *Preparação* (Como na oração pessoal)

1.1. SERENAR-SE

1.2. ABRIR-SE PARA A CONSCIÊNCIA DE SI PRÓPRIO

2. *Presença de Deus*

2.1. ATUALIZAÇÃO DA FÉ

— Sempre estamos diante dele. Vivemos nele ou Ele dentro de nós.

— Reunidos em seu nome: Ele em meio de nós (Jo 15,16).

2.2. CONSCIÊNCIA DO RELACIONAMENTO PESSOAL COM ELE

2.3. ATITUDES PESSOAIS: Além das que são próprias de toda oração:

— Abertura do nosso interior para o Senhor, que nos vai falar através da Comunidade.

3. *Atualização da Matéria da Oração*

3.1. Um dos participantes lê, EM VOZ ALTA E PAUSADAMENTE, o texto escolhido.

Alguém expõe ou narra o fato da vida ou acontecimento sobre o qual se vai fazer a oração.

3.2. Localização da cena.

4. *Aspectos da Oração Comunitária*

4.1. Atividade Pessoal: (Veja: ORAÇÃO PESSOAL)

Meditação: reflexão.

Contemplação: silêncio.

Setimentos produzidos.

Colóquio: Oração Pessoal.

4.2. *Atividade Comunitária*

— *Após ter orado pessoalmente: EU EXPRESSO EM ALTA VOZ:*

O meu colóquio com o Senhor, como **RESPOSTA À SUA PALAVRA...**

— *Escuto a oração feita por um outro dos participantes: FICO ATENTO ao seu sentido principal: Ação de graças, louvor... e o motivo pessoal que leva a essa oração.*

— *Faço minha a oração dele, unindo-me, no meu interior, àquele que acaba de falar, respeitando o SILÊNCIO do grupo, dando tempo para que todos orem com ele.*

— A oração do outro produziu, no meu interior, *um novo colóquio*, que durará até que seja interrompido pela oração em **ALTA VOZ**, de outro participante ou até que eu sinta conveniência de manifestar aos outros a oração que a última intervenção suscitou em mim.

ESQUEMA PARA AVALIAR A ORAÇÃO

1. Estado de ânimo ao concluir este tempo de oração

Gozo - Alegria - Paz - Pena - Tristeza - Desânimo - Entusiasmo
- Otimismo - Abatimento - Fortaleza - Segurança - Medo etc.

2. Conteúdo objetivo desses sentimentos

— Compreendi, com clareza, a matéria da oração... ou não?

— Integrei o conteúdo da oração em minha vida... ou não?

- Contemplei-me refletido na oração?: confirma ela as minhas decisões?

- Interpela minha forma de viver ou algo da minha conduta?

- Mostra-me um caminho novo ou uma meta a ser atingida?

— Senti o Senhor mais perto de mim... ou não?

- Ao falar com Ele: colóquio.

— Percebo aumento de fé, esperança, amor... ou não?

- Desejos de seguir o Senhor e o seu chamado.

- Força para superar as dificuldades da vida cristã.

- Ânimo para levar o Reino de Deus à minha vida.

3. Relação com a matéria da oração

— A graça pedida nesta oração (petição, colóquios...):

- Sinto-a em mim... ou não?

- Gostaria de tornar a insistir... ou não?

- Considero-a muito importante para a minha vida... ou não?

4. *Elementos que você considera que o ajudaram nesta oração*

- O lugar onde você esteve; a posição do corpo: sentado, de joelhos...
- O silêncio; a música; a luz; a escuridão...
- O momento de concentração e relaxamento...

5. *Dificuldades experimentadas*

- No lugar e circunstâncias ambientais: ruído, frio, calor...
- Posição do corpo que você escolheu...
- A concentração e o relaxamento:
 - Distrações que sobrevieram: Quais? Por quê?
 - Preocupações: atuais? passadas? futuras?
 - Tentações... escrúpulos...
- Nos passos prévios à oração: Presença de Deus, Oração preparatória.
- Na matéria da oração:
 - Aborrecimento, secura, vazio, desconfiança.
 - Sentimentos que foram acontecendo.

6. *Possíveis causas destas dificuldades*

- Você cede demasiado facilmente perante elas?
- Relaxamento, tibieza, negligência... da sua parte?
- Falta de agradecimento a Deus pelos dons recebidos?
- Falta de recolhimento ou de capacidade de vencer os próprios gostos ou inclinações?

-
- Você se sente dividido interiormente ou bloqueado no seu relacionamento com Deus? Por quê?
 - Você nega a Deus aquilo que ele talvez lhe está pedindo?
 - Falta-lhe a capacidade de insistir na petição?
 - Você é fiel à hora completa, ao conteúdo e método propostos?

7. *Dê graças ao Senhor...*

- Se lhe foi bem na oração.
- Se achou aquilo que procurava.

8. *Peça perdão* pelas suas imperfeições na oração. Peça ajuda para ir adiante, na próxima oração.

NOTA: Nos começos, é bom tomar algumas anotações sobre esta avaliação. Isso ajuda a ser conciso na entrevista pessoal com aquele que acompanha ou orienta você; também ajuda, e muito, a ter consciência concreta daquilo que está acontecendo no seu caminho espiritual.

II - EXERCÍCIOS PRÁTICOS PARA A INICIAÇÃO NA ORAÇÃO

Dado que já conhecemos o que é o PROCESSO DA ORAÇÃO, é preciso nos exercitarmos em fazer oração, pois a oração se aprende *orando*; mas também sendo acompanhado nos primeiros passos. Por isso, apresentamos agora duas MEDITAÇÕES: uma delas sobre um texto evangélico que mostra uma cena da vida de Jesus; a outra, sobre alguns versículos de uma carta de São Paulo. São dois exemplos, a fim de que cada pessoa faça a sua oração por meio deles. Poderia dedicar-se uma semana a cada um deles, orando cada dia pelo tempo que inicialmente parecer prudente, de acordo com as possibilidades de cada um, mas o suficiente para que haja verdadeira oração.

O exame é um elemento muito conveniente nos primeiros momentos, quer para adquirir experiência pessoal, quer para poder contrastar essa experiência com o Assistente ou Orientador do grupo que acompanha o processo de amadurecimento pessoal.

Sugerimos que, no início, as reuniões do grupo tratem da oração pessoal, de forma que cada pessoa exponha suas experiências, dificuldades ou achados. Talvez estes dois exemplos sejam suficientes para perceber o papel que desempenharão as páginas seguintes e, simultaneamente, o estilo das reuniões que a Comunidade deverá manter.

É difícil que uma Comunidade prospere, se não existe um verdadeiro progresso na vida de oração de cada um dos que a compõem. A oração é a tomada de consciência e a assimilação do estilo evangélico que queremos que transcenda e molde nossas decisões na vida cotidiana.

As reuniões da Comunidade ajudar-nos-ão a discernir nossas decisões, compulsando-as com as dos outros, e a encontrar nosso ritmo de oração e de compromisso de vida. Desta forma, a oração indicará o nosso processo de conversão interior, e a nossa vida corriqueira perceberá a profundidade da obra de Deus em nós.

1. *Senhor, que eu veja!*A) *Texto Evangélico*: Mc 10,46-52.

“Jesus e os discípulos chegaram a Jericó. Quando ele já saía de lá com seus discípulos, e acompanhados de uma numerosa multidão, o cego Bartimeu, filho de Timeu, estava sentado à beira do caminho pedindo esmola. Tendo sabido que se tratava de Jesus de Nazaré, ele começou gritar:

— Filho de Davi, Jesus, tem piedade de mim!

Muitos o repreendiam para que se calasse, mas ele gritava mais alto ainda:

— Filho de Davi, tem piedade de mim!

Jesus parou e disse:

— Chame-o!

Foram chamar o cego e lhe disseram:

— Coragem! Levanta-te! Ele te chama!

Então ele jogou o manto, deu um pulo e foi apresentar-se a Jesus. Jesus lhe perguntou:

— Que queres que te faça?

O cego respondeu:

— Rabbuni, que eu veja de novo!

Jesus, por fim, lhe disse:

— Vai, tua fé te salvou.

Imediatamente ele recuperou a vista e o seguia pelo caminho”.

B) *Localização da Cena*

Imagino a periferia de uma cidade da época de Jesus. Algumas casas de taipa, brancas, com o seu terraço, lá longe. À saída da cidade, um caminho poeirento, entre campos de cevada e de trigo,

na primavera. Sentado numa pedra, nos limites do povoado, um cego, agasalhado no seu manto, com um cajado entre as mãos.

Pelo caminho, um grupo bastante numeroso de gente que acompanhava Jesus: uns iriam na frente dele, outros atrás. Todos vão falando e é possível que fossem discutindo algumas das questões que o Evangelho coloca imediatamente antes:

Mc 10,41: “Os outros dez, que tinham ouvido, começaram a se zangar contra Tiago e João”.

ou talvez: Mc 10,32: “Eles estavam a caminho, subindo para Jerusalém.

E eles estavam apavorados. Os outros que os seguiam estavam com medo”.

de fato: Mc 10,33: “Eis que estamos subindo para Jerusalém e o Filho do homem será entregue... Eles o condenarão à morte... zombarão às suas custas, cuspirão nele, o açoitarão e lhe tirarão a vida. Mas depois de três dias ressuscitará”.

Este é o ambiente que rodeia Jesus.

C) *Petição*

Senhor, tem piedade de mim!

D) *Meditação: Leio devagar; reflito; identifico-me com o cego; estou na frente de Jesus.*

Primeiro ponto:

Situação do cego

— *Era um cego, que perdera a vista, pois o seu desejo era (v. 33) “que eu veja de novo”. Se a vista é importante e necessária sempre, então, numa sociedade agrícola, sem nenhum tipo de beneficência, a sua perda convertia necessariamente a pessoa num mendigo. O único que possuía era seu trabalho: mas sem vista era impossível realizá-lo. A vista era uma necessidade da vida, a fim de a pessoa*

poder ser algo mais do que uma carga para os outros; e uma condição para *ela mesma* ser livre, não dependendo dos outros.

— Faltava-lhe a vista, após saber o que ela vale, porque houve um tempo em que a possuía. Podia comparar sua situação atual com a anterior e sabia a diferença entre as duas.

Exegese

O cego é uma representação da situação dos Apóstolos:

— Jesus acaba de dizer-lhes (v. 10,32-34):

- a) Que vai a Jerusalém.
- b) Que sobe depressa (“Jesus ia diante deles”).
- c) Que sabe que vai sofrer e que o vão matar.

— Jesus teve de esclarecer (v. 10,42-45):

- a) Que não se pode pensar em glória e poder, se se deseja segui-lo.
- b) Que os seus seguidores terão de passar pelas mesmas dificuldades que Ele.
- c) Que o serviço é a primeira coisa em seu Reino.

E esta nova situação em que agora se encontram caracteriza-se pela sua *obscuridão*. Não veêm, não compreendem:

- Que Jesus seja o Filho de Davi e possa sofrer tudo isso.
- Que seguir a Jesus significa despojar-se do próprio “eu”.
- Onde ficam o poder e a glória do Messias?
- Que Jesus seja o “Nazareno”, enquanto eles esperavam um Rei.

O cego é também uma representação dos Apóstolos porque *está sentado*; enquanto Jesus caminha para Jerusalém, ele está sozinho, sem ânimos para caminhar.

Colocado à beira do caminho, como a semente da parábola. Lá não frutifica, o diabo vem “e tira a Palavra neles semeada” (Mc 4,15).

Aplicação

— Estou eu como os Apóstolos, como o cego, de tal forma que não “vejo” como seguir Jesus neste momento? Estou sentado à beira do caminho?

— O que é que me produz esta obscuridão, esta pesadez, esta falta de decisão para seguir o Senhor?

- Encontro, nestes dias, algum momento em que estive assim?
- Soube descobrir a minha cegueira?
- É o medo da Cruz = dificuldade de vida cristã?
- É a dificuldade da humilhação?

— Tive alguns outros momentos em que eu “via” as coisas sem maior claridade? encontrava-me mais à vontade?

Segundo ponto:

A transformação do cego

— *Ele quer sair de sua situação*; por isso grita: tem piedade de mim! Chama a Jesus com um título messiânico: Filho de Davi, que era utilizado pelos judeus. Por um lado, reconhece que Jesus é o Messias, mas com os traços errados de um rei triunfante e glorioso que haveria de dar o poder ao povo de Israel, que lhe faria gozar dos privilégios de um povo escolhido. Deseja voltar a ver, como antes.

— *Aqueles que escutam o repreendem*, porque incomodava com seus gritos, porque iria perturbar o Mestre, porque não gostavam do que dizia...

— *Jesus parou*; vê a boa vontade e sofrimento do cego e não resiste perante um chamado desse gênero. Mas Jesus não sabe o que o cego deseja; por isso, o chama, para que o manifeste: “que

queres que eu te faça?" O cego tem fé em Jesus; está certo de que pode fazer o que lhe pede: devolver-lhe a vista. Isso bastava para ele.

— *Jesus lhe diz:*

"Tua fé te salvou".

Ele recuperou a vista e o seguia pelo caminho.

Exegese

O processo de mudança que se produz no cego é semelhante ao que vai acontecer nos Apóstolos. A intervenção de Jesus é a mesma que teve com eles.

— Os Apóstolos seguiram Jesus, num primeiro momento:

Deixaram tudo: o seu ofício, a sua casa, a sua família, e seguiram Jesus, mas acreditam nele com uma imagem que não é a real. Estão pensando num reino aqui embaixo, onde será possível conseguir poder, glória, triunfos sobre outros povos, competências e desigualdades. Uma "virada da omelete": os de baixo para cima, e os de cima para baixo. Mas, no fim das contas, o mesmo que antes.

— Jesus dissera-lhes para onde iam: Jerusalém, e contara-lhes tudo o que iria acontecer lá. Repreendera-os por andarem a sonhar numas metas tão rasteiras... a essas alturas dos acontecimentos! (Levam três anos com Ele.)

— Os Apóstolos se entristecem, não compreendem, não vêem, e querem voltar à ilusão anterior: antes tinham fé, sentiam-se seguros por estarem com Jesus e valia a pena tudo aquilo que tinham deixado. Mas agora duvidam, estão tristes, não sabem o que aconteceu: quem errou: eles ou Jesus?

— Jesus vê a luta que sustentam no seu interior; vê a fé deles e a sua fidelidade: não o abandonaram; vê que continuam lutando... chama-os, para que manifestem aquilo que se passa no seu interior. Ouviu a oração deles: "tem piedade de mim"; e agora Jesus

deseja escutar algo mais concreto: que queres que eu te faça? Eles querem "ver de novo": voltar à situação anterior, quando eram capazes de decidir por si próprios e estavam certos de todas as suas decisões, por mais difíceis que pudessem parecer.

E Jesus realiza os seus desejos, completando aquilo que lhes falta: por sua fé, recuperam a vista; Jesus acrescenta-lhes a capacidade de caírem na conta de qual é o caminho e de se determinarem a acompanhá-lo.

Aplicação

Como o cego, recorri à oração?

A minha fé mantém-se firme, naqueles momentos duros?

Percebo que seguir Jesus não é um caminho retilíneo, sem dificuldades? Estou convencido de que preciso estar muito em contato com Ele, para que me ajude a sair desses momentos de "desolação"?

Peço a Jesus a luz de que preciso para decidir-me a seguir pelo caminho que Ele vai percorrer?

E) Colóquio

Sem prestar atenção a nada mais do que a Jesus, que está perto de mim, vou sentindo-me como o cego e falo com Jesus, ajudando-me com aquelas idéias que afloraram na leitura do texto. E o comentário. Falo com Jesus, conforme vão aparecendo as coisas. Sem pressa: às vezes, peço com as palavras do cego; outras, com as minhas, de acordo com as respostas que tiver dado às aplicações ou às sugestões ou idéias que me ocorreram.

Este é o eixo central da oração: o diálogo direto: Jesus e Eu.

F) Breve Resumo

Pai-Nosso

2. Uma nova mentalidade.

A) *Texto*: Rm 12,1-2.

“Meus irmãos, eu vos peço pela misericórdia de Deus que ofereçais vossos corpos como uma oferta viva, santa e agradável a Deus. Que este seja o vosso culto espiritual. Não vos conformeis com este mundo, mas transformai-vos pela renovação do espírito, para chegardes a conhecer qual seja a vontade de Deus, a saber, o que é bom, agradável e perfeito.”

B) *Localização da Meditação*

O texto não apresenta nenhuma cena que se possa representar; contudo, para fixarmos a imaginação, é bom utilizar algo que seja concreto, que possa nos introduzir no espírito da matéria da meditação. Neste caso, podemos recorrer a:

a) *Uma cena evangélica* à qual nos fazemos presentes:

— Jesus pregando à multidão na Montanha.

— Jesus rodeado pelos seus discípulos.

b) *Uma cena imaginada*, na qual nós participamos:

— Jesus é como o sol que me ilumina, me enche de calor e me transforma.

— Sou como o girassol, sempre olhando para Jesus que me transforma.

C) *Petição*

A petição, num texto que contém várias idéias, fica à *inspiração do momento* da pessoa.

a) Se se considera parágrafo por parágrafo e cada um deles apresenta uma idéia e um sentimento, a petição pode variar.

P.ex.: — Senhor, que toda a minha existência seja um culto autêntico a Vós!

— Que a minha vida seja transformada pela nova mentalidade!

— Que eu saiba conhecer sempre a vossa vontade e que a ponha em prática! etc.

b) Se se fez uma *repetição* ou *resumo*, após ter dedicado outros momentos de oração a cada uma das idéias desse trecho da carta aos Romanos, a petição poderá ser de acordo com a matéria que constitui o eixo central da meditação; normalmente, será aquela que nesse momento sinto como mais importante ou central em minha vida.

p.ex.: Oferecer a minha vida. Ser sacerdote de tudo quanto me rodeia. Discernimento. Transformação. Rejeição do mundo.

D) *Meditação*

Leio devagar o texto completo: Depois torno a começar pelo primeiro parágrafo: releitura, compreensão das idéias, reflexão própria.

v. 1:

O próprio corpo oferecido a Deus como verdadeiro culto.

As palavras que São Paulo utiliza (“oferecer”, “oferta”, “santa”, “culto”) têm uma grande ressonância *sacerdotal*: são traços que no Antigo Testamento estavam unidos ao ofício do sacerdote. Paulo os emprega para designar todo cristão, como sacerdote da Nova Aliança que apresenta a oferenda que possui: seu próprio corpo, toda a sua vida.

Desta forma, o cristão, por sua adesão a Jesus (sua fé) entrega-lhe (oferece), como sacerdote, todos os seus sentimentos, aspirações e decisões (fica consagrado), para realizar, em seu mundo, e fazer com que seja verdade, quanto antes, o Reino de Deus.

Deus não desejava as oferendas de animais; não lhe agradavam a não ser que fossem símbolo da entrega interior. No Novo Testamento, desaparece o sacerdócio antigo, para dar passagem ao sacerdócio de Jesus e daqueles que vivem em Cristo. Este é o sacrifício que lhe agrada. Não é isto o que diz São João (4,24): “adorar o Pai em espírito e verdade”..., para o que não é preciso nem o Monte Garizim nem o Templo de Jerusalém? Tributa-se

culto a Deus na vida, sendo cada qual sacerdote de si próprio e das coisas que o rodeiam.

v. 2:

O discernimento é necessário para saber qual é a vontade de Deus.

Ser cristão é ser homem de discernimento. O esbanjador, o impetuoso, o "herói" supõem um grande gasto de energia: é como o motor de um carro "Mercedes 220"; para um cristão isso não basta. Não se trata de fazer aquilo que ninguém faz, nem aquilo que é o mais difícil, mas aquilo que "é vontade de Deus, a saber, o que é bom (como Ele é), agradável (para Ele) e perfeito (levado até o fim)".

Não é Ele o Senhor? O que queremos dizer com essa expressão: "Senhor"? No português, "Senhor" é o apelativo que se dá "ao amo", "ao dono", "ao pai", "ao superior em idade, ciência"... Só o Senhor pode dispor da minha vida; nem eu mesmo sou "senhor" de forma tão absoluta quanto Ele o é. Por isso, meu grande desejo é fazer aquilo que Ele quer para mim. Como sabê-lo?

Um estilo de família só pode ser captado a partir de dentro, morando com essa família. O estilo da família de Deus não é do mundo. Conhecer e saber o que desejariam meu pai e minha mãe "aqui e agora" não é mais do que uma repetição daquilo que eu "sempre" vi que eles faziam. Por isso, é preciso "não conformar-se com este mundo", mas "transformai-vos pela renovação do espírito". O de Jesus, aquele que Ele nos deixou como Boa Nova (evangelho).

Aplicação à Vida

v.1:

1. — Estou convencido de que ser cristão é algo que afeta a minha vida cotidiana, a de todos os dias: - pessoas que me rodeiam, família, amigos, companheiros...?
2. — Que sentimentos tive hoje, ontem... há alguns dias... que eu não poderia oferecer ao Senhor? Ousaria colocá-los na patena da Eucaristia?

3. — Como poderia eu fazer com que o Reino de Deus se tornasse verdade na minha casa, o que me diz respeito? E no meu trabalho? E um pouco “mais longe”?

4. — Ao *usar* as coisas (roupa, comida, dinheiro, tempo, pensamento), poderia dizer que o faço com quem as oferece a Deus? (Poderia Deus aceitar um uso “egoísta” que não leve em conta os outros filhos seus?)

v.2:

1. — Acredito que o ser cristão consiste em fazer coisas difíceis, heróicas? Desprezo (e conseqüentemente não faço nada) as coisas pequenas, de cada dia, com a minha família, amigos, trabalho etc.?

2. — Prefiro que me digam aquilo que devo fazer, ou procuro eu mesmo aquilo que Deus quer de mim?

Estou convencido de que posso chegar a encontrar a sua vontade?

3. — Nestes últimos dias, encontrei-me em alguma situação fora do rotineiro e que exigiu de mim uma resposta diferente? (Doença ou morte de algum conhecido; necessidade de algum tipo; petição direta de ajuda; outro tipo de acontecimentos...) Como respondi?

4. — Tanto se respondi bem como se respondi mal, quais foram as minhas barreiras, temores ou dificuldades para responder “em cristão”?

Senti, no meu interior, a luta entre “este mundo e o espírito novo”?

5. — Como me senti após ter acontecido isso?:

Paz - gozo - alegria...? Pena - dor - tristeza...?

E) Colóquio

Deixando de lado os papéis e o texto, presto atenção a Jesus, que está diante de mim e falo com Ele sobre aquilo que acabo de ver:

— ...Como necessário para a minha vida...

— ...Como defeituoso no meu comportamento...

— ...Como descoberta...

E de acordo com esses sentimentos:

— ...Peço-lhe forças...

— ...Dou-lhe graças...

— ...Sinto-me contente...

— ...Peço-lhe perdão...

— ...Lembro aqueles que já não vivem...

— ...Aqueles que não o experimentaram...

F) *Resumo, brevemente, este tempo de oração.*

Pai-Nosso

3. *Pai-Nosso (1)*

Texto Evangélico: Mt 6,9-15

“Pai nosso que estás no céu,

santificado seja o Teu Nome,

venha o teu reino,

seja feita a tua vontade

assim na terra como no céu.

Dá-nos hoje nosso pão, de que precisamos.

Perdoa-nos o mal que fizemos assim como perdoamos aos que nos fizeram mal.

E não nos deixeis cair na tentação,

mas livra-nos do Maligno.

Porque se perdoardes aos homens as suas culpas, também vosso Pai celeste vos perdoará.

Mas se não pedoardes aos homens, vosso Pai não perdoará as vossas culpas.”

1. *Preparação*

2. *Presença de Deus*

3. *Localização da Cena*

O Pai-Nosso é uma plenária que Jesus nos deixou; Ele a pronunciou em algum momento de sua vida. Os evangelistas Lucas e Mateus localizam a cena em dois lugares diferentes: Mateus, no sermão da Montanha; Lucas, num lugar onde Jesus se retirara para orar.

Podemos escolher um dos dois cenários:

a) Jesus sentado no Monte das Bem-Aventuranças, rodeado por seus Apóstolos e pelo povo, a quem vai ensinando. Eu me situo entre aqueles que escutam Jesus, como mais um, vendo Jesus de perto.

b) Podemos situar nossa oração perto de Jesus, que concluiu a dele e ao qual pedimos que nos ensine a orar.

4. *Graça que vou pedir ao Senhor*

a) O que pedem os discípulos: Senhor, ensina-nos a orar!

b) Que se torne realidade o Reino de Deus neste nosso mundo!

c) Que a nossa vida seja um reflexo daquilo que vos pedimos nesta oração!

5. *Matéria da Oração*

Estas plegárias (Pai-Nosso, Ave-Maria, Salmos, Salve-Rainha, Glória a Deus nas alturas etc.) podem ser meditadas como qualquer

outro texto, mas também admitem um outro tipo de oração simples, menos intelectual. É uma oração baseada no fato de que estas plegárias contêm formulações muito densas de conteúdo, mas, simultaneamente, de compreensão fácil e imediata.

Este tipo de oração consiste em ler ou recitar de cor frases ou palavras, alternando-as com momentos de silêncio, a fim de que, durante este tempo, a atenção se concentre no significado da frase ou palavra, de forma a suscitar antes sentimentos.

Após cada palavra ou frase, poremos uma breve consideração e os sentimentos que podem surgir.

A) Pai-Nosso que estás no Céu

Reflexão:

Chamar a Deus de "PAI" pode parecer um atrevimento ... assim o diz a monição introdutória da liturgia; contudo, Ele é Pai para nós, para... todos nós! Chamamo-lo de Pai porque Jesus nos ensinou, porque para ele era o seu "ABBA" (papai), e assim o experimentou ao longo de toda a sua vida. E nós, experimentamo-lo assim também?

Às vezes, acreditamos que o sentimos como Pai, quando as coisas vão "bem", quer dizer, ao nosso gosto ou capricho; quando nos bajulam ou favorecem o nosso comodismo...; mas reconhecemo-lo assim quando as coisas não vão tão bem?

Ele está sempre conosco; em todo momento. Ele nos dá a sua VIDA, o seu chamado, a sua força; faz com que sejamos seus filhos e nos convida a sermos IRMÃOS. Ele nos ama, até o ponto de não poder amar-nos mais... contudo, o seu amor dirige a todos: é para todos!, a fim de fazer de nós, cada vez mais, a sua "família".

Sentimentos:

— *Gozo:* Deus é meu Pai!... nosso Pai!

— *Alegria:* Ele me quer como filho! Sou digno de ser querido por Ele!

— *Solidariedade:* Meus irmãos, os homens também são filhos...! Todos!

- *Admiração*: A vossa grande paciência e confiança em Nós!
 — *Ação de Graças*: Obrigado, Senhor!
 — *Petição*: Ajudai-nos a quebrar nossas barreiras!
 — *Perdão*: Perdoai a minha cegueira! Perdoai a minha pequenez!

Silêncio

B) *Santificado seja o teu nome*

Reflexão:

Todas as coisas foram criadas para serem instrumentos do louvor de Deus. E toda a criação inanimada cumpre exatamente com o seu papel: o sol e os astros com os seus movimentos exatos; a terra gira e avança com tal exatidão que assinala os dias e as noites, sem que possamos perceber erros ou atrasos. A massa florestal obedece com pontualidade e veste os seus ramos com a chegada da primavera; e as visitas das aves que regressam de seus "habitats" de inverno nos fazem presentir a proximidade dos dias longos e quentes. A criação obedece fielmente ao curso do seu ser.

Somente o homem é livre para tomar decisões; em suas mãos está o seu próprio destino; por isso, somente a ele é oferecido (e não imposto) um projeto de vida que manifeste a santidade e a divindade de quem o pensou. Esse projeto é VIVER A FRATERNIDADE entre aqueles que são filhos e, conseqüentemente, irmãos.

No meio de um mundo em ordem, posso escolher o projeto de Deus ou posso rejeitá-lo. Posso encontrar-me isolado no meu esforço ou sentir o calor daqueles que, ao meu lado, também pretendem torná-lo realidade, superando todo egoísmo.

Por isso, peço-lhe que se manifeste aos seus, através de uma ação poderosa que nos faça sentir a atração da santidade de seu plano salvífico; que sejamos sinal para os outros e que todos possamos louvá-lo, quando esse plano possa ser consumado em plenitude, em seu Reino definitivo.

Sentimentos:

- *Esperança*: Que sejais reconhecido como santo, ao contemplar-nos unidos como irmãos!

— *Gozo*: Ser escolhido para proclamar, entre os homens, a vossa santidade!

— *Admiração*: Só vós sois *Santo! Vós, o Admirável!*

— *Humildade*: Quão pequenas são as minhas possibilidades quando contemplo a grandeza de vossa criação!

— *Temor*: Que eu nunca possa ser motivo de profanação do vosso nome!

Silêncio

C) Venha o Teu Reino

Reflexão:

Em nossa sociedade, ouvem-se, com maior freqüência, os gritos e as críticas contra os “reinados”, do que a afirmação do desejo explícito de uma soberania concreta. Por isso, esta petição nos parece tão vazia; o que queremos pedir quando clamamos pela chegada do “reinado de Deus”?

É possível que Deus, além de ser nosso Pai, seja também alguém que precise de poder, do domínio sobre algo? O que pretende conseguir para si mesmo, com seu “reinado”? Como é possível que solicite que lhe peçamos que venha o seu “reinado”?

Durante a vida toda, Jesus não teve outra preocupação, a não ser comunicar aos homens a chegada do reinado do Pai, ensiná-lo a vivê-lo, fazer-lhes compreender que esse era o único caminho de fidelidade nesta vida... e na outra!; onde estiver o seu reinado, haverá a sua plenitude total.

Jesus nos apresenta o Reino de Deus como um dom que o próprio Deus nos há de dar, mas que devemos pedi-lo porque excede a capacidade do homem para poder alcançá-lo.

O reino não é algo que esteja fora do homem, mas *já está* dentro de cada um dos que ouviram o anúncio de Jesus. O reino é um convite para a transformação da totalidade da pessoa, até que ela chegue a ser um “outro Jesus”, que ama todos os homens como irmãos e seus filhos queridos de seu próprio Pai; que espera com a esperança (paciência) de um Pai que não tem pressa (tempo);

que deseja que todos os homens descubram a grande Notícia (evangelho) de que viver como irmãos já é *possível*, dado que o contemplaram (na sua fé) realizado na vida de Jesus.

O reinado de Deus (projeto de fraternidade para os homens) será verdade, se cada um admite uma radical conversão em seu interior. Porque tentar levar à prática a totalidade de minhas decisões cotidianas, esse espírito fraterno e cordial com todos, nos obriga a mudar a hierarquia toda dos valores. O que o mundo mais aprecia: a riqueza, o possuir, o ter, o aparecer... tudo isso é considerado como algo desprezível, se se opõe à realização desta única paixão que Jesus teve: o Reinado de Deus entre os homens. É a loucura do mundo... pois muda profundamente (REVOLUÇÃO!) o sentido das relações humanas.

Por isso, o Reinado de Deus sofre perseguição. Às vezes uma perseguição pequena, doméstica... o sarcasmo, a ironia, o desprezo daqueles que querem impor a lógica da própria razão. Não basta não fazer mal a ninguém? Por que tenho de chegar a amar aquele que me ofendeu, aquele que ri de mim ou pisoteia os meus direitos?

Em outras ocasiões, o reino tem perseguições mais comprometidas. Quem é tão puro e tão limpo, em sua vida, que não possa ser denegrado. Quando levanta a voz para denunciar aquilo que o Reino de Deus considera intolerável? Mas não é por isso que se deve calar. O Reino de Deus faz com que surja o profeta, impulsiona-o à condenação de toda marginalização ou exploração, lá onde ela estiver... "O leão rugiu: quem não teria medo? O Senhor Javé falou: quem deixaria de profetizar?" (Am 3,8).

Sentimentos:

- *Esperança:* que o vosso reinado chegue a todos os homens...!
- *Humildade:* Como fixastes a vossa atenção em mim, para fazer-me cidadão do vosso reino!
- *Ação de graças:* Graças pela vossa eleição...!
- *Responsabilidade:* Transformai a minha vida, para que fique disponível para o vosso reino...!

— *Compromisso*: O meu desejo é viver a luta cotidiana, para tornar realidade a vinda do vosso reino!

D) *Seja feita a tua vontade assim na terra como no céu*

Reflexão:

Quando Jesus ora em Getsêmani, no Horto das Oliveiras, pede ao Pai que se faça: “o que Tu queres”. Quando nos aproximamos a orar, estamos sempre tentados a pedir que se faça aquilo que eu quero, aquilo que me agrada, que me favorece, que me tira a dor, as preocupações, o esforço... Contudo, ao orar - Jesus nos diz - pedi “que se faça a vontade do Pai”.

E qual é a vontade dele? É a primeira coisa que devo indagar. O Pai só tem um projeto: *ser Pai!*... Por isso, quer ter filhos!... filhos que se façam tais a si próprios, que escolham ser filhos dele... Qual é a minha tarefa neste caminho para a filiação total de Deus? De que modo isto afeta a minha vida?

Porque essa vontade, esse Reino de Deus deve ser feito aqui, na TERRA...!; não é algo que tenhamos de deixar para mais adiante, para um outro mundo...; é preciso fazê-lo aqui, como o fazem já aqueles que estão lá. Existe uma URGÊNCIA de realismo: nada de evasões... AQUI e AGORA.

Sentimentos:

— *Obediência*: Falai, mostrai-me a vossa vontade, nas minhas horas de cada dia!

— *Urgência*: Cada minuto que passa é um minuto do Reino de Deus...!

— *Solidariedade*: Amar o mais necessitado como o Pai o faz a cada momento...!

— *Responsabilidade*: Sou chamado a tornar verdade o Reino, aqui e agora...!

— *Confiança*: Espero a graça da vossa força em mim...!

4. *Pai-Nosso* (2)

E) Dá-nos hoje nosso pão, de que precisamos

Reflexão:

Na segunda parte do *Pai-Nosso*, pedimos a Deus, nosso Pai, que se torne realidade tangível aquilo que suplicamos anteriormente. É o primeiro sinal da vinda do Reino, ou seja, de que a fraternidade entre os homens é um fato, seria ver realizada esta petição: que o pão, o sustento, chegue a todos os homens, sem a angústia de ter de esperar cada dia para ver se terão ou não aquilo de que precisam para os seus. Isto supõe uma organização social capaz de ser instrumento apto para levar à prática aquilo que Deus, Pai de todos os homens, deu e dá continuamente a todos. Pedimos que possam estar sentados a essa mesa universal todos os homens, como irmãos entre si, a fim de dar-lhe graças pelo pão que recebem cada dia.

Ao pedirmos o pão, comprometemo-nos com o sentido desta petição. Não se trata de uma espera mágica, como se o pão tivesse de tornar a cair do céu, como o maná sobre as areias do deserto, mas de uma súplica ao Pai daquilo que, no fundo de nosso coração, aparece como um desejo eficaz, na medida das possibilidades de cada um. Desta forma, o gesto de partilhar “o pão” com o mais necessitado converter-se-á num gesto de família.

Quando a Comunidade Cristã se reúne para celebrar o memorial do Senhor, o pão torna a estar presente, para ser o eixo central da ação de graças e do compromisso da vida. Também o pão se transformará no símbolo do Reino definitivo, onde encontraremos aqueles com quem partilhamos o pão que Ele nos dá.

Sentimentos:

— *Ação de graças:* Por vossos dons a todos os homens!

— *Esperança:* Que todos cheguemos a ter aquilo de que precisamos cada dia!

— *Responsabilidade:* Destes-me aquilo que tenho, a fim de que, como Vós, eu saiba partilhar!

— *Compromisso*: Atenderei àqueles que mais precisam de ajuda!

— *Perdão*: Quantas vezes rezei esta petição e passei por ela sem viver o compromisso que ela supõe!

— *Vergonha*: Eu açambarquei para mim aquilo que VÓS me destes para partilhar com os que passam fome!

F) Perdoa-nos o mal que fizemos assim como perdoamos aos que nos fizeram mal

Reflexão:

Se a desigualdade material é a primeira semente (em ordem de importância) que faz perigar a unidade da Comunidade Cristã, é também a origem de discórdias e rancores dentro dela. Nada tão longe da fraternidade e solidariedade do Reino como a acusação paulina aos coríntios: “um tem fome, enquanto o outro está embriagado”. O que é escandaloso na comunidade cristã é dramático a nível social, pois é a origem de todos os conflitos, violências, fomes e marginalizações a que assistimos todos os dias. Com razão, Jesus proclamou, como pórtico de seu Reino, a pobreza ativa (Mt 5,3): o partilhar singelo e generoso.

Mas a fonte de discórdias dentro da Comunidade do Reino de Deus não se esgota com a desigualdade (mesmo que ela seja tão importante). Existem outros capítulos em que a Comunidade tem de manifestar o sentido da filiação e da fraternidade. A debilidade e limitação humanas são grandes... “o justo cai sete vezes ao dia...” e ninguém pode dizer que esteja sem pecado. As relações humanas são ocasião constante de exercitar a humildade, ao reconhecer aquilo que nos separa da caridade e do amor que Jesus manifestou durante toda a sua vida. Simplesmente, somos pecadores!, sem nenhum lugar à dúvida. E dizemos isso no plural porque soa melhor do que uma acusação simples e direta: sou pecador!; sem levar em conta que, além disso, é mais correto dizer: “SOMOS”... Nem percebemos que aquilo que parece diminuir a nossa autoacusação está a exigir muito mais de nós. Se reconhecemos que *todos* somos pecadores, não é para nos consolar (“mal de muitos...”), mas para sermos conseqüentes: *poder perdoar*:

Perdoar...! Quantas vezes nos custa o perdão. Perdoamos... sob condições; perdoamos certas pessoas...; perdoamos... mas não esquecemos... quantas manhas com perdão!, e o Senhor nos faz exclamar "...assim como perdoamos...!" Com tanta dureza de coração, não é estranho que se torne difícil compreendermos: "Tens compaixão de todos porque Tu és onipotente e fechas os olhos aos pecados dos homens para que se arrependam. Tratas tudo com amor porque tudo é teu, Senhor amigo da vida!" (Sb 11,23-26).

Compreenderemos, alguma vez, a profundidade do amor do Pai? Chegaremos a sentir seu perdão, no fundo do nosso coração, sem receios, nem dúvidas, nem mesquinhasias...?

Ele perdoa por primeiro, a fim de que, depois, o homem se arrependa; por isso, podemos dizer com confiança: "Perdoa-nos o mal que fizemos...!"

Sentimentos:

— *Humildade:* Quão pequeno e mesquinho sou quando me custa perdoar...! Quão longe do vosso amor de Pai para todos... os que são vossos!

— *Vergonha:* Quantos recortes e contradições coloco no perdão!

— *Confiança:* Vós vos compadeceis de todos... porque podeis tudo...!

— *Ação de graças:* Pelo vosso perdão... pelo nosso perdão...!

— *Compromisso:* Que também nós perdoemos...!

— *Gozo:* Somos completamente vossos... Senhor... que amais a vida...!

G) Não nos deixeis cair na tentação, mas livrai-nos do Maligno

Reflexão:

Tentar viver o Reino de Deus, tal como pedimos até agora nesta oração, é aquilo que nos assemelhará, cada dia mais, a Jesus; mas, simultaneamente, aquilo que nos proporcionará a medida da verdade que está contida na última bem-aventurança: "quando vos perseguirem por causa da justiça... por levar o Reino de Deus

para a frente". O mundo, o egoísmo, todo o mal que existe ao nosso redor maquinará contra aqueles que têm a pretensão de desinstalar da vida os homens, através de uma revolução... NÃO SANGRENTA...! NÃO VIOLENTA...! LIVRE...! somente com um convite.

Como é possível querer extirpar a atração pelas riquezas? (Lc 6,24-25) ou pedir que os homens deixem de se preocupar e se angustiar excessivamente (Mt 6,19-34)? A ânsia de poder e de glória (Mt 10,35-45) é o que movimenta o dinheiro, a iniciativa... até chegar a dar lugares de emprego!... qualquer coisa, com tanto de dominar... sem mais... estar no cume das decisões.

A rebelião do mal contra o Reino é implacável em todas as ordens da vida: pessoal e social; manifesta-se em todas as coletividades das quais o homem participa: a família, a Comunidade Cristã, a sociedade urbana, nacional e internacional. Por isso, pedimos que nos livre da tentação que o maligno prepara continuamente; do cansaço que é gerado pela luta diária contra esse mal que impregna tudo aquilo que contemplamos. O cristão sente a mordida do desespero e conhece as próprias fraquezas, em que deixam a sua marca esses cantos de sereia com que o mundo e o mal pretendem afastá-lo do caminho do Reino:... é o normal...!, mas que mal há nisso...?!; todos o fazem... não podemos ser uns bichos esquisitos...! nem acreditar que somos melhores do que qualquer outro...!; e tudo isso sussurrado ao ouvido, em círculos íntimos, por aqueles que nos querem bem... sabem o que é melhor para nós...

Quem não sente vacilar a sua fé, como Pedro no lago? Salva-me, Senhor, que afundo!, que não sei se minhas forças são capazes de resistir em tensão... "tanto tempo!"... poderei perseverar no meu empenho até o fim?

Por isso: "não nos deixeis cair na tentação!"

Sentimentos:

— *Humildade:* Fortalecei a minha fé em Vós, para que o mal não prevaleça.

— *Perdão*: Por todo o mal que acrescentei na minha vida! Por minhas conviências com o mal!

— *Vergonha*: Por não saber enfrentar o mal que destrói o vosso Reino! Por não colocar amor onde há tanto egoísmo!

— *Compromisso*: De lutar contra o mal, lá onde ele se encontra!

— *Esperança*: A vossa vida já está dentro de nós e é mais forte do que o mal!

— *Segurança*: Vós vencestes o mal...!

III - A REPETIÇÃO E O RESUMO DA ORAÇÃO

Tudo aquilo que dissemos sobre a oração leva-nos a centrar e a valorizar o significado da oração. Não é um fim em si mesma, mas um meio excelente e indispensável para chegar à síntese “evangelho-vida” que define o nosso modo peculiar de avançar na espiritualidade laical.

Santo Inácio, nos “Exercícios Espirituais” (EE), indica três normas para os orientadores de retiros, que considero oportuno destacar neste momento:

1. EE (15): “... quando o exercitante busca a vontade divina, é mais conveniente e muito melhor que o Criador e Senhor se comunique por si mesmo a quem lhe é todo dedicado atraindo-o ao seu amor e louvor, e dispondo-o a seguir pelo caminho em que O poderá servir melhor no futuro”.
2. EE (2): “... Porque aquele que faz a contemplação... partindo do fundamento verdadeiro da história, refletindo e raciocinando por si mesmo, encontra como explicar ou sentir um pouco melhor o assunto”.
3. EE (2): “... Porque não é o muito saber que sacia e satisfaz a alma, mas o sentir e saborear intimamente as coisas”.

O orientador de um grupo deve, portanto, pôr sumo cuidado em conduzi-lo de forma que cumpra estes princípios.

1. Personalização

É freqüente encontrarmos pessoas que se negam a crescer na vida espiritual. Confiam tudo à perícia e à bondade do orientador que lhes coube, recorrendo a toda classe de sofismas e chantagens; para eles, “foi a Providência quem o colocou no seu caminho”; somente ele “conhece a sua vida como ninguém”... Não negamos nada disso, mas é necessário não se deixar atrapalhar por *infantilismos* e imaturidades que apenas escondem a inércia na atividade da oração, e a falta de responsabilidade para enfrentar-se com o risco da procura da vontade de Deus.

Para essas pessoas, é preciso ter em conta aquilo que foi dito acima: declarações breves, abrir pistas para a oração e a aplicação à vida. Colocar o grupo perante a necessidade de crescer em sua vida de oração e de encontro com suas próprias decisões.

2. Sentir e saborear intimamente as coisas

Não é fácil, sobretudo nos inícios dos grupos, levar as pessoas ao convencimento daquilo que afirmam, quer dizer, de que o mais importante de tudo e o que tem verdadeira forma transformadora não é o *conhecer* (saber), mas o sentir no mais profundo do ser. A curiosidade é inata e não podemos negá-la; é um valor e, graças a ela, todos caminhamos, aprendemos; ela é a alavanca que nos impulsiona para o alto. Mas não podemos (como em qualquer outro campo) deixar-nos arrastar “desordenadamente” por esse instinto; ainda menos quando ele pode ser utilizado pelo nosso egoísmo como “evasão”, para não entrarmos na oração.

O mundo evangélico, com sua distância de vinte séculos, exerce uma fascinação total sobre o nosso desejo de sabermos mais: como eram, naquele tempo, a geografia, a economia, a política... como se vivia... como se escrevia...?; os gêneros literários de cada evangelho, passagem... a sua exegese... Tudo isso são coisas excelentes... mas, para captar a nossa atenção fora da oração; em cursos, leituras etc.

Orar é algo mais simples e, certamente, diferente.

Neste contexto, há uma forma muito inócua de fazer oração.

3. Repetir e resumir

O “repetir” e o “resumir” não são uma atividade, no sentido que parece indicar o significado das palavras. Trata-se de uma *forma* de fazer oração ou de um modo novo, sumamente pessoal, como veremos na explicação.

3.1. A repetição

Diz Santo Inácio em EE (62): “dando especial atenção e detendo-se nos pontos em que tenha sentido maior consolação ou maior gosto espiritual”.

Conseqüentemente, este tipo de oração exige:

A) *Um tempo prévio de oração pessoal*, seguido de um *tempo de avaliação*, durante o qual foram anotadas (por escrito, para não esquecer, ou pelo menos, de um modo reflexo e claro) as *idéias* que ocasionaram sentimentos de consolação (alegria, paz...) ou decisões firmes de seguimento de Cristo; ou, pelo contrário, *idéias* que produziram desolação e frieza.

B) *Uma preparação imediata* ao tempo que se vai dedicar a fazer a oração de repetição. Nesta preparação, convém *assinalar estas idéias*, tal como apareceram na avaliação.

As idéias em que houve maior consolação são aquelas que se desenvolveram mais na oração ou aquelas em que se enxergaram maior número de conexões com outras realidades ou verdades da vida cristã; ou ainda aquelas que estavam mais na linha de atuação própria ou confirmavam aspectos de forma de compreender, nesse momento, o meu compromisso cristão...

As idéias que ocasionaram maior desolação foram assim porque contradiziam a minha vida, exigiam-me demais, acusavam os meus defeitos, desinstalavam-me; ou se tratou, simplesmente, do egoísmo que as cobriu com desânimo, pesadez e aborrecimento. Também se produz desolação quando as idéias ficam "obscuras", fechadas sobre si mesmas, sem nenhuma conexão com nada; tem-se a impressão de que lá há apenas uma atividade por fazer: repetir outra vez aquilo que não abriu passagem para nenhuma outra relação.

Nestes momentos de preparação, determinam-se aquelas idéias que vão ser meditadas de novo, assim como a sua ordem.

C) *Uma forma de orar específica*

Uma vez ordenadas as idéias, começa-se pela primeira:

- *Não se trata de voltar a reproduzir* aquilo que foi feito durante o tempo de meditação anterior; agora não se trata de discorrer, nem de refletir, nem de tentar achar algo novo, mas de:

- *Colocar diante de si a primeira idéia*, parando nela e deixando que aflorem os sentimentos e emoções. Trata-se de sentir, de

novo, aquilo que antes foi vivido; mas poupando o discurso, raciocínios, reflexões ou concatenações que foram feitos na meditação anterior.

Não se deve ter pressa de passar a uma segunda idéia, enquanto se acharem sentimentos na primeira.

É preciso levar em conta que, inicialmente, é fácil que apareçam distrações, pois é necessária uma boa concentração. Também é possível que lá onde se achou um sentimento vivo e consolo, ele não volte. Será motivo de discernimento e de experimentar a *gratuidade* do dom que o Senhor concede quando e onde Ele quer, sem estar subordinado ao nosso parecer ou desejo.

• Concluídas as idéias onde houve sentimento ou consolação, passa-se para as que apresentaram maior dificuldade ou desolação. É possível que se experimente alguma mudança: onde antes não se achou nenhuma relação ou reflexão que fizesse compreender melhor as coisas, pode-se chegar a aprofundar, ver com maior claridade; e onde antes não houve sentimentos ou emoções, agora a pessoa se encontra mais ativa.

D) *Proporciona matéria para um novo discernimento*

Durante o tempo da oração de "REPETIÇÃO", podem acontecer duas situações:

- a) Que a consolação e a desolação apareçam lá onde antes se deram; e
- b) que os estados anímicos, neste momento, sejam diferentes dos da oração anterior. Onde se deu consolação, agora não se dá; onde apareceu desolação, ela desapareceu.

Isto deve ser matéria de avaliação e consideração, porque dessas mudanças se podem tirar conclusões muito substanciais para a vida cristã da pessoa que faz oração.

Para a análise pormenorizada disso, remetemo-nos ao momento em que explicaremos as regras do discernimento. Por enquanto, nada mais, senão deixar constância do valor das repetições.

3.2. O Resumo

Nos Exercícios Espirituais, Santo Inácio indica este tipo de oração para ser feito no fim dos dias dedicados à Primeira Semana, quer dizer, há meditações que se baseiam sobre idéias e nas quais o modo de orar é chamado “segundo as três potências”: memória, entendimento e vontade.

Na Segunda Semana, em que as meditações são cenas evangélicas, Santo Inácio fala de contemplações e, no fim do dia, assinala, como tipo de oração, “APLICAÇÕES DE SENTIDOS”.

Isto quer dizer que tanto o RESUMO quanto a APLICAÇÃO DE SENTIDOS são dois tipos de oração semelhantes, muito simples e, aliás, mais intuitivos e serenos do que reflexivos ou discursivos e ativos.

O “resumo” tem como matéria da oração AS CONCLUSÕES PRÁTICAS ou IDÉIAS MOTRIZES, RESOLUÇÕES FIRMES atingidas nos momentos anteriores de oração. Trata-se, portanto, de voltar a “contemplá-lo”, deixando que vá *tomando corpo* dentro de cada pessoa, aceitando e saboreando aquilo que foi atingido como surpresa ou conquista no tempo da oração.

Desta forma, simplifica-se tudo aquilo que foi trabalhado anteriormente: já não há nada sobre o que discorrer; agora basta deixar-se impressionar, aceitar tranquilamente tudo aquilo que, de algum modo, foi mais destacado e *prático* nos momentos anteriores.

É o momento de “saborear intimamente as coisas” e, conseqüentemente, de fortalecer as convicções pessoais. Longe ficam a precipitação e o deixar-se arrastar pelo primeiro que se escuta ou pelo tão corriqueiro “eu gosto”. A oração procura, desta forma, que os meus gostos fiquem em consonância com minhas idéias e que minhas resoluções sejam coerentes com os meus sentimentos e desejos. Verifica-se uma integração pessoal, que anteriormente chamamos de PERSONALIZAÇÃO.

SEGUNDA PARTE

**INICIAÇÃO
À COMUNIDADE**

OBJETIVO GERAL

A preparação pessoal e grupal para iniciar a experiência de Comunidade e de Exercícios Espirituais.

Definimos esta etapa como FASE de INICIAÇÃO ou de PRÉ-EXERCÍCIOS, porque, durante ela, tanto cada pessoa que integra o grupo, quanto o conjunto, enquanto tal, devem ir adquirindo uma série de objetivos que são os que preparam para iniciar a experiência da Comunidade e dos Exercícios Espirituais. É possível que alguns dos membros da CVX que se encontram nesta etapa já tenham feito alguma vez o retiro durante 3 ou 4 dias: outros, talvez, ainda não; e é muito provável que ninguém tenha feito a experiência completa. Por isso, é conveniente que se vão formando as condições para que, no momento oportuno, possam iniciar seus Exercícios completos, quer em retiro, quer na vida cotidiana. Para tanto, a programação das reuniões da Comunidade estão dirigidas a este fim.

Desta forma, integram-se os três níveis que constituem os centros de interesse e atividade pessoal:

- Consciência da própria personalidade.
- Relações interpessoais dentro da própria Comunidade.
- Situação dentro da realidade circundante cotidiana.

Objetivo específico 1º:

A aceitação, *na fé*, de:

- si próprio;
- as pessoas que compõem as Comunidades;
- as pessoas e acontecimentos que definem a vida ordinária.

1. Dimensão Psicológica: REUNIÕES 1ª, 2ª e 3ª

Em cada um dos níveis indicados no enunciado deste objetivo, existem modos de ser diferentes, formas de expressão, tempera-

mentos e relacionamentos profundos entre as pessoas, que originam sentimentos, complexos, preconceitos, receios ou suspicácias... Nestas reuniões, trata-se de conseguir uma aceitação básica cordial, fundamentada numa visão de fé, não sublimadora, mas capaz de poder conviver com as limitações, modos de ser ou defeitos dos outros.

2. Dimensão axiológica (de valores): REUNIÕES 4ª e 5ª

Um passo a mais no processo de captação é o chegar a poder conhecer e aceitar as diferenças que aparecem na hierarquia dos valores. Dentro da mesma pessoa, há às vezes compaixão ou luta, porque uns são valores que se admitem com a "razão" e outros, que sentimos mais profundamente. Também é custosa a aceitação cordial de outras pessoas que têm escalas de valores diferentes; por isso, talvez, é mais fácil aceitar aqueles que formam a própria Comunidade do que aqueles que estão mais longe de nós.

Objetivo específico 2º:

Capacidade pessoal para integrar as atitudes evangélicas necessárias para uma vida de Comunidade cristã ou para fazer a experiência do Retiro Inaciano.

1. Tolerância - Diálogo: REUNIÃO 6ª

PRESSUPOSTO (EE 22): "Deve-se pressupor que todo bom cristão está mais pronto a justificar uma proposição do próximo do que a condená-la. Se não pode justificá-la, pergunte como é que ele a entende; se a entende mal, corrija-o com amor; se isso não basta, procure todos os meios convenientes para que a entenda bem e assim se salve".

2. Respeito pelo ritmo de cada um: REUNIÃO 7ª

ANOTAÇÃO 4ª (EE 4): "De fato acontece que uns são mais lentos que outros em achar aquilo que procuram...; outros são mais diligentes ou mais provados... algumas vezes torna-se necessário abreviar; outras, prolongar".

3. *Generosidade: REUNIÃO 8ª*

ANOTAÇÃO 5ª (EE 5): "É de grande vantagem para quem faz os exercícios, entrar neles com grande ânimo e generosidade... oferecendo todo o seu querer e liberdade, para que sua divina Majestade disponha de sua pessoa conforme a sua santíssima Vontade".

4. *Concentração: REUNIÃO 9ª*

ANOTAÇÃO 11ª (EE 11): "Trabalhe no momento presente para alcançar aquilo que pretende, como se nada de bom esperasse mais adiante".

5. *Espírito de superação: REUNIÃO 10ª*

ANOTAÇÃO 13ª: "No tempo de desolação é muito difícil completar (a hora de oração); portanto, o exercitante, a fim de... vencer as tentações, deve... não só resistir ao adversário, mas ainda derrotá-lo.

IV - REUNIÃO INTRODUTÓRIA: QUE PROCURAIIS?

Texto Evangélico: Jo 1,35-39

“No dia seguinte, João se encontrava lá de novo, com dois discípulos. Vendo Jesus que ia passando, disse:

— Este é o Cordeiro de Deus.

Os dois discípulos o ouviram e seguiram Jesus. Ele se voltou e, percebendo que o seguiam, lhes perguntou:

— Que procurais?

Responderam:

— Rabi - que quer dizer Mestre -, onde moras?

E ele lhes disse:

— Vinde e vede.

Eles foram, viram onde morava e ficaram com ele aquele dia. Era por volta das quatro horas da tarde.”

Reflexão do Grupo

Os inícios de um novo grupo ou de um curso dentro da vida de um grupo são momentos de reformulação daquilo que cada um, nesse momento, está a procurar. Consciente ou inconscientemente. O grupo deve assumir a função de ajudar a encontrar o caminho para consegui-lo ou de esclarecer para que serve cada função, mesmo que isso não tenha sido explicitado.

1. Em contato com este texto evangélico, num ambiente de oração, cada um pode parar para ver que na própria vida, como na dos Apóstolos, existem fatos, palavras... agradáveis ou não... que são capazes de provocar uma reflexão e, a partir daí, uma oração perante Jesus que passa ao nosso lado. A oração, reflexão e colo-

as palavras que nos interessam estão aqui

cação em comum devem conduzir o grupo a encontrar aquilo que cada um e o grupo, como um todo, procuram incessantemente. É Jesus quem nos pergunta, para que possamos dar-lhe uma resposta concreta, mas, sobretudo, para que possamos tomar as rédeas de nossa própria vida e não vamos dando bandadas, à mercê do vento que sopra, hoje deste lado, amanhã do outro...

2. Jesus nos pergunta: que buscais? Não estamos sozinhos, vamos juntos. Não é daquilo que me ocorre do que eu preciso. Somos grupo, queremos ser Comunidade. Algo mais, portanto, do que a soma de cada um de nós; é preciso chegarmos a encontrar aquilo que todos buscamos, aquilo que o grupo vai colocar no centro de seus olhares e esforços durante o ano. Temos de realizar um esforço, para olhar além do nosso próprio nariz e ver que estamos junto com outros, que Jesus nos conduz já como um conjunto e nos convida, a cada um e a todos. Todos importantes, todos necessários; se alguém faltar, talvez não conseguiremos, no momento oportuno, achar a chave para ir adiante.

3. Os Apóstolos acreditaram que aquilo que procuravam estava profundamente relacionado com a vida do Mestre. Não procuravam apenas algumas idéias, algumas palavras, discursos ou paradigmas de conduta; queriam aprender a viver: "Mestre, onde moras?"

O modo de vida somente se adquire morando perto, em contato com o outro. A criança aprende de seus pais; os mestres da antiguidade transmitiam o seu modo com ações e gestos proféticos; o aprendiz aprendia em contato com o oficial do artesão.

A vida cotidiana acabará por dizer quem foi o Mestre da nossa vida: pelas obras que fizemos, iremos vendo se o Mestre está perto de nós ou, melhor ainda, se continuamos a viver com Ele ou se fugimos para outros ensinamentos.

4. Por ora, o grupo está a caminho: "Ficaram com ele aquele dia". O grupo está iniciando o seu caminhar e será aquilo que cada um

de nós quiser que seja. Se ficarmos, será com todas as conseqüências que derivam de uma opção, meditada e responsável, mas firme. Isto compromete a viver "com Ele". Não apenas a freqüência assídua, mas dar, a cada momento, aquilo que sou e tenho. Com sinceridade e com tato, olhando o bem dos outros. Para isso, tenho de conhecê-los: como são, do que são capazes, que ritmo possuem na vida deles, como posso ajudá-los... Não apresentar o meu proveito próprio antes do que o bem do todo.

No grupo, é necessário dar. Isso é fácil dizer, mas a sua realização exige que se adote uma disposição de grande abertura e generosidade. Cada um pode dar aquilo que é, aquilo que vive. Abertura é o mesmo que autenticidade, pois quem muito fala, mas como uma expressão de si próprio, converte-se num ator e, conseqüentemente, os seus "papéis" não serão coerentes... cada dia manifestará uma face, a que corresponder a esse momento concreto. Nunca será a mesma; e correrá o perigo de não ser levado à sério no dia em que desejar ser ele próprio diante dos outros.

Para ser aberto e sincero, é preciso ser generoso; desprendido das barreiras que o nosso "falso pudor" levanta, ou do desejo de que nos considerem como algo que não somos.

5. "ficar com Ele"... é ter o convencimento de que já se começa a possuir o estilo de vida do Mestre. Jesus entrou no Evangelho pela mão de João Batista; foi assinalado como o Cordeiro de Deus, Messias, que traz uma nova Aliança para um novo Povo, alicerçado sobre relações diferentes: Deus é um Pai cujos filhos formam uma família, uma Comunidade de vida, porque participam do seu Espírito.

Cada dia, vivemos com Ele também em nossas famílias, em nosso trabalho; nas necessidades do grupo, de nossos irmãos ou pais; os amigos. Jesus convive conosco na figura daqueles que estão pedindo a nossa ajuda. Às vezes, passamos ao largo, porque achamos que Jesus não pode morar lá... João Batista estava no deserto, comia gafanhotos e mel silvestre... por que ligamos casos extremos com o chamado de Jesus? Ele nos chama a todos, para

ficarmos a viver com Ele... mas Ele está hoje em tantos lugares!
É preciso tentar escutar.

Orientação de Vida

1. "Que buscais?"

- Do que é que eu preciso mais neste momento?
- Esclarecimentos no nível intelectual.
- Coerência de vida e pensamento.
- Maturidade afetiva.
- Sensibilidade perante o necessitado.
- Viver os meus compromissos com fidelidade.
- Vida de oração.
- Tenho uma orientação clara para a minha vida ou estou esperando... (até quando!)?
- O que é que me proporciona maior desejo de viver? Tenho idéias?
- Por que e para que estou neste grupo? O que vou dar nele?

2. "Onde moras?"

- Que valor têm, para mim, os fatos da vida (aquilo que acontece todos os dias)?
- Como avalio a vida em Comunidade?
- O que é que mais me custa da vida em grupo? E da minha vida de trabalho, família, amizades...?
- Reconheço Jesus presente nos mais necessitados? Qual o apelo dele que sinto mais profundamente?

3. "Ficaram com ele aquele dia"

- Estou certo de que Jesus "vive" aqui, neste grupo?
- Vejo Jesus no "corriqueiro da minha vida"?
- Jesus me chama a viver com Ele para algum serviço especial?

V - PRIMEIRA REUNIAO:
SOMOS UM GRUPO DE PESSOAS DIFERENTES

Texto Evangélico

“E João começou a falar:

— Mestre, vimos alguém expulsando os demônios em teu nome e quisemos proibi-lo, porque não te segue conosco.

Mas Jesus respondeu:

— Não proibais. Quem não está contra vós, está a vosso favor.

Como estava se aproximando o tempo em que Jesus devia ser tirado deste mundo, ele tomou resolutamente o caminho para Jerusalém. Enviou mensageiros na sua frente. Eles entraram num povoado samaritano, para lhe preparar a pousada, mas não quiseram recebê-lo, porque perceberam que estava indo para Jerusalém. Notando o fato, os discípulos Tiago e João lhe disseram:

— Senhor, queres que mandemos descer fogo do céu para acabar com eles?

Mas Jesus virou-se para eles e os repreendeu.”

(Lc 9,49-55).

“E Jesus disse:

— Todos ireis cair, porque está escrito: ‘Ferirei o pastor e as ovelhas se dispersarão’. Mas depois da minha ressurreição, irei para a Galiléia antes de vós.

Então Pedro lhe garantiu:

— Ainda que todos caíam, eu não!

Jesus lhe disse:

— Eu te declaro esta verdade: ainda hoje, nesta mesma noite, antes que o galo cante duas vezes, me negarás três vezes.

Mas ele insistiu:

— Ainda que tenha de morrer contigo, não te negarei.

E todos diziam o mesmo.”

(Mc 14,27-31).

“Depois Jesus subiu ao monte. E chamou os que queria para junto de si. E estes chegaram perto dele. Instituiu doze para serem seus companheiros, e para enviá-los a pregar, com o poder de expulsar os demônios.”

(Mc 3,16-19)

Reflexão do Grupo

O Grupo o Formamos Todos

1. As primeiras reuniões do grupo são motivo de reflexão sobre o valor dos outros, pois as relações que se estabelecem entre os membros de um grupo podem estar falsificadas pelas impressões que se produzem “à primeira vista” ou por intervenções que se chocam com o modo e a forma de ser de si próprio. Às vezes, cria-se uma predisposição ou preconceito que é difícil apagar e que atrasa a marcha do grupo. Por isso, uma reflexão, a partir da fé, sobre essa primeira impressão que pode aparecer nas reuniões, levará a uma aceitação mais profunda e confiada de todos aqueles que o Senhor reuniu “porque quis”.

Quando Jesus escolheu os que o deviam acompanhar durante toda a sua vida, fê-lo sabendo a quem se dirigia. Não houve precipitação nem engano; foi um ato consciente de Jesus. No grupo, havia uma grande variedade de temperamentos, profissões e procedências. É pouco aquilo que os evangelistas nos deixaram como retrato de cada um dos Doze; mas, talvez por isso, são mais significativos os traços que eles destacam. João e Tiago eram violentos, exclusivistas, não suportavam partilhar com outros o poder de expulsar demônios. Para eles, isso era um privilégio, algo que os colocava e os separava acima dos outros; por isso, sentem-se frustrados ao verem que outros podem chegar àquilo

que eles consideram como algo próprio e particular. Não compreendem o valor que possa ter o fato de que foi dado aos homens esse poder; tampouco lhes importa a finalidade desses gestos; a libertação dos pobres que ficaram submetidos à escravidão de um tal poder...; para eles, a posição e o privilégio próprios estão acima de tudo.

Por isso, quando se sentem rejeitados, em seu desejo, pelos habitantes do povoado samaritano, não duvidam em colocar o poder a serviço próprio: “mandamos descer fogo do céu...?”, justamente na atitude oposta àquela que Jesus mostrou nas Tentações: “Se és Filho de Deus, ordena que estas pedras se tornem pães...” João e Tiago querem “mandar, impedir...”, utilizar o poder de Deus com energia, com violência, para conseguir aquilo que se propõem: serem os únicos! Exatamente o contrário de Jesus.

Pedro tinha outro modo de ser; seguro de si, de suas forças, arrogante. Homem com experiência da vida que sabe muito bem o que cada um joga nela. Líder capaz de arrastar, porque conhece os recursos humanos e o modo de conseguir aquilo que se propõe. Jesus deverá insistir com ele na diferença que existe entre o Reino e os valores que impulsionam as ações humanas. Precisou de uma mudança radical de seus valores.

Pouco sabemos da forma de ser dos outros... parecem um grupo que vive à sombra destas figuras: “Os outros diziam o mesmo...” “Não compreendiam esta linguagem...” “Tinham medo...”

2. O nosso grupo também está formado por uma grande variedade de pessoas. Cada um de nós possuímos o nosso caráter, mais ou menos aberto e espontâneo; deve haver alguém a quem custa abrir-se para os outros e superar a sua timidez. Outros terão dificuldade em escutar; logo lhes vêm à cabeça e à boca tudo aquilo que os outros não dizem ou dizem de modo incompleto, errado... poderiam ficar falando a reunião toda e não esgotariam nunca as suas reflexões, as suas nuances.

A cultura também marca diferenças; a pertença à Comunidade não está limitada por um grau de cultura; não se precisa de nenhum diploma, nem vamos exigir de ninguém um aval intelectual. Foi assim que experimentaram as primeiras comunidades; diz São Paulo: “Por isso, meus irmãos, considerai a vossa vocação.

Entre vós não há muitos sábios segundo a carne, nem muitos poderosos, nem muitos nobres" (1Cor 1,26). A razão para estarmos aqui juntos não é um valor humano que pretenda um predomínio baseado na eficácia de um conjunto homogêneo; por isso, haverá variedade nas experiências vividas ao longo da história de cada um, na sua educação, nos ambientes sociais que freqüenta, nas profissões, no modo de sentir e julgar os acontecimentos sociais e, conseqüentemente, nas opções políticas que possam dar resposta às necessidades que esses acontecimentos provocam. Variedade que afeta também ao ritmo da existência pessoal perante o chamado do Senhor, para tornar realidade a sua Boa Nova aos homens.

Hoje nos tornamos conscientes desta variedade que reina entre nós, damos nome e sobrenome a cada uma dessas diferenças e sentimos Jesus no meio de nós, contemplando mais uma vez o "seu grupo", tal como aquele que Ele escolheu um dia, "porque quis"; semelhantes àqueles que Ele amou porque os conhecia e sabia como eram: duros, violentos, envaidecidos, à busca de privilégios, covardes, ignorantes, insensíveis para as limitações, gregários... A Jesus não importou tal companhia... terá importância para nós?

"Em que és diferente dos demais? Que tens que não foi recebido? E, se o recebeste, por que te glorias como se não o tivesses recebido?" (1Cor 4,7).

3. A variedade de um grupo é a sua própria riqueza. Quando num grupo existe uma uniformidade muito grande, trata-se de um caso inútil, pois limita-se a escutar, tantas vezes quantas intervenções se produzem, aquilo que cada um já pensava ou sentia. No fim, todos saem convencidos de que a sua opinião é a verdade. Rara vez acontecerá um fenómeno semelhante, graças a Deus! O freqüente será que haja diversidade de opiniões ou, ao menos, multiplicidade de nuances, enfoques etc.; sobre aquilo que cada um pensou e sentiu, outros acrescentarão, corrigirão ou eliminarão alguma coisa. Cada reunião do grupo pode ser um momento de contraste, um ponto de partida para novas reflexões e, sobretudo, um aumento de conhecimento da forma pela qual os

outros avaliam e compreendem as coisas. Temos todos a mesma forma de entender e avaliar as coisas? Por que outras pessoas têm uma sensibilidade diferente perante os problemas apresentados? Percebo que, fora do grupo, eu também vivo situações semelhantes?

Esta riqueza nem sempre é inócua; às vezes, nos faz sofrer. Até certo ponto, a confrontação de pareceres tira-nos fora dos nossos "caixilhos"; desinstala-nos de nossas posturas cômodas, em que nos sentíamos confortáveis e com as quais já estávamos acostumados. Essa ruptura da nossa situação machuca-nos. Também Jesus teve de atuar assim; a sua missão era dificilmente compreensível e a reação perante as suas palavras não se fazia esperar. Pedro, João e Tiago se sentiam desgarrados por dentro e manifestavam o seu desgosto, quando Jesus tinha de repreendê-los: "Virou-se para eles e os repreendeu" (Lc 9,55). Os momentos de tensão reclamam paciência para saber escutar, serenidade para avaliar as opiniões e palavras dos outros, tempo para ruminar e ir ao encontro de tudo de bom que foi escutado. Cada um dá aquilo que tem e é um dom para os outros: "São vários os dons espirituais, mas o Espírito é o mesmo. E os ministérios são vários, mas o Senhor é o mesmo. As obras também são várias, mas é o mesmo Deus que realiza tudo em todos" (1Cor 12,4-6).

Cada um tem o seu tempo. Às vezes, há nos grupos pessoas que participam, desde o começo, com as suas opiniões, enquanto outras guardam um silêncio prolongado, talvez excessivo. Alguns sentem a tentação de adiantar a hora dos mais calados; parece-lhes que estão deixando passar oportunidades importantes de se manifestar, subtraindo, desse modo, riqueza ao grupo. É bom considerar, ao iniciar uma caminhada em comum, que cada pessoa tem o seu momento; que não sabemos quando chegará, mas que é necessário depositar nela a confiança, com a certeza de que ninguém é inútil ou inservível dentro do grupo.

4. Variedade e riqueza é aquilo que caracteriza um grupo e aquilo que motiva o nascimento de um clima ou atmosfera próprios dele. Frequentemente, confunde-se o progresso do grupo com um certo bem-estar, fruto da procura constante do que poderíamos chamar

“irenismo”, paz a qualquer preço. Para isso, tudo está bem, tudo é aceito, nada se discute, tudo é nuançado, a fim de que cada um possa ter a razão... fora os momentos de tensão! nada de conflitos!

Ao começar um grupo, é quando devem surgir mais problemas, porque tudo está para ser feito; não se deve dar nada por suposto, é preciso falar tudo; às vezes, é quando mais coisas se toleram... ao menos, exteriormente.

Jesus não começou dando a razão a todo o mundo. Teve de se enfrentar com os fariseus, escribas, sacerdotes, o povo, seus seguidores: “Também vós quereis ir embora?” É difícil enfrentar as contradições, os conflitos, os mal-entendidos... mas é totalmente necessário. Quando não se faz assim, os problemas apodrecem e se vão arrastando até aparecerem na forma de um vulcão, quando já não têm solução pacífica. Para poder nos aproximar dos problemas, numa atitude positiva e cristã, é preciso: a) *Amor e carinho aos outros*. Conhecê-los e saber que vale a pena confiar neles, para solucionar aquilo que está em jogo. b) *Sinceridade e liberdade de espírito*, para expor aquilo que cada um pensa e sente, sem duplas intenções nem hipocrisias: “A ti te digo, Pedro, para que entendas, João...” c) *Controle próprio*, para não perder as estribeiras... as coisas não são tão simples para os demais como parecem para nós! d) *Humildade e flexibilidade*, para ter o espírito aberto ao que os outros dizem, a fim de reconhecer o que, na opinião própria, possa haver de erro ou limitação. e) *Paciência perseverante*, para poder aceitar a convivência com um outro com quem temos diferenças de opinião, sem que, por isso, sofram o amor e a estima mútuos.

Orientação de vida

1. Sou consciente da variedade de formas que existem perto de mim, p. ex. na minha família, profissão, amigos, grupo?

— Essa variedade me produz contentamento ou desgosto?

— Considero-a uma riqueza ou uma fonte de conflitos?

— Como vivi esse aspecto, durante esta semana?

2. A atitude de Jesus para com os Apóstolos, para com aqueles que o rodeavam:

— Ensina-me algo para a vida?

— Descubre-me alguma característica pessoal?

3. Como vivo os conflitos ou tensões em minha vida?

— Que momentos ou pessoas são ocasião mais frequente de conflito na minha vida?

— Durante esta semana, vivi algum momento de tensão? Como me comportei nele?

— Qual o aspecto que devo reforçar, a fim de saber enfrentar, com atitude positiva e cristã, os conflitos?

Testemunho

Concepção Cristã no conflito

Deus é descrito, freqüentemente, na Bíblia, como um intruso que vem para mudar o mundo, ou que chega no meio da noite como um ladrão. Com efeito, é assim que podemos adquirir uma experiência de Deus nos conflitos. O outro, o nosso inimigo, é como um invasor; inflexível, quando o temos na nossa frente; sem querer ceder, força-nos a reconhecer que jamais podemos aspirar a uma compreensão total da vida. Desta forma, num conflito, o inimigo obriga-nos a deixar de acreditar que podemos sempre reduzir a realidade às nossas categorias. Então vemo-nos impelidos a abandonar toda pretensão de uma boa consciência absoluta e, em definitiva, a reconhecer a finitude que nos corresponde como a seres humanos. "O inimigo" obriga-nos, pois, a reconhecer que não somos Deus, e a abandonar as nossas sacrílegas e idólatras pretensões do absoluto. Sem inimigo, todo homem cairia rapidamente em qualquer tipo de idolatria narcisista. Por isso, a experiência do conflito pode manifestar Deus como o Outro, destruindo nossos ídolos e lembrando-nos das nossas limitações. E, simultaneamente, a presença do outro, enquanto inimigo, força-nos

também a reconhecer nosso caráter único de pessoas livres. Quando os demais nos combatem, forçam-nos a responder e assumir o risco de nos manifestarmos como pessoas únicas.

O conflito, aliás, é uma experiência na qual nos sentimos chamados a pôr suficiente confiança em Deus, para ousar atuar, falar e pensar de acordo com as nossas convicções. O que existe de particular nesta experiência é que nos obriga a tomar consciência profunda da condição humana, consciência que torna evidente o fato de que possuímos um conhecimento absoluto de nossa missão neste mundo. Mas também nos ensina que temos nossas próprias respostas ao chamado de Deus e dos outros. Em tal situação, percebemo-nos, ao mesmo tempo, como pessoas únicas, importantes para si mesmas, mas também que não podem dizer que sabem tudo ou que são tudo. Tal descoberta nos leva a honrar Aquele que está além de nós mesmos e de nossos adversários: Deus. Assim, os conflitos são meios privilegiados que nos permitem descobrir quem é Deus. O adversário está sempre aí, para nos preservar da idolatria e, ao mesmo tempo, para suscitar a nossa resposta de pessoas que devem assumir suas próprias responsabilidades.

Sempre foi percebido como algo central, no cristianismo, o mandamento especial de Cristo: "amai os vossos inimigos". Não é unicamente em nossas pacíficas relações com os nossos amigos onde encontramos um terreno favorável ao encontro com Deus, mas, também e sobretudo, quando reconhecemos Deus nos conflitos e amamos os nossos inimigos. Desgraçadamente, esta recomendação de Cristo, expressa numa só frase, foi traduzida, com freqüência, em duas: uma, onde se diz que devemos "amar todo o mundo", e a outra, de que "não temos de ter inimigos". À luz do que foi explicado até aqui, é claro que esta forma de ver as coisas falha no ponto principal. O Evangelho diz: "Amiai os vossos inimigos". Isto implica que temos inimigos, que nem sempre estamos de acordo, e que talvez lutaremos à morte. Simultaneamente, convida-nos a amar esses inimigos, como pessoas que falam e atuam como nós e, às vezes, invocam o mesmo Evangelho que nós. Amar os nossos inimigos é, certamente, surpreendente, e um mandamento que pode ajudar-nos a compreender quem é Deus. Ele está, simultaneamente, além e no fundo do nosso combate: encontramos-lo lá, como alguém transcendente, quando descobri-

mos que nem nós nem nossos inimigos podemos dispor daquilo que é real. Mas também é ele quem nos permite ficar unidos no nosso combate. Ainda mais, num conflito, vemo-nos arrastados a considerar que isso acontecerá, de uma forma ou de outra. Por isso, também o conflito constitui uma experiência privilegiada, que nos permite reencontrar Jesus perante os Judeus e o Sinédrio. Nestas coisas, ele foi, na verdade, um de nós - incapaz de verificar se tinha razão e por que; nem o que era que o conduzia à morte. Sentia-se verdadeiramente só. É isso o que os cristãos experimentam, num conflito; esperam que, através desses mesmos conflitos, se manifestará ainda mais o amor de Deus. É o mistério da Ressurreição (G. Fourez, "*Liberar a Fé*", pp. 129-131).

VI - SEGUNDA REUNIÃO: CONVOCADOS TODOS PELO SENHOR

Texto Evangélico

“— Quando deres algum almoço ou jantar, não convides teus amigos, nem teus irmãos, nem teus parentes, nem teus vizinhos ricos, para não acontecer que por sua vez eles também te convidem e assim te retribuam. Pelo contrário, quando deres um banquete, convida os pobres, os estropiados, os coxos e os cegos. Serás feliz porque não terão com que te retribuir. Mas receberás a tua recompensa na ressurreição dos justos.”

Quando ouviu estas palavras, um dos convidados disse:

— Feliz daquele que se sentar à mesa do Reino de Deus!

Jesus lhe respondeu:

— Um homem ofereceu uma grande recepção, para a qual convidou muitas pessoas. Na hora do jantar, mandou seu servidor dizer aos convidados:

— Vinde! Já está pronto.

Mas todos, unanimemente, começaram a se desculpar. O primeiro disse:

— Comprei um terreno e preciso ir vê-lo. Desculpa-me, por favor.

Outro disse:

— Comprei cinco juntas de bois e vou experimentá-los. Desculpa-me, por favor.

E outro ainda:

— Acabo de me casar e por isso não posso ir.

De volta, o servidor contou isso a seu patrão. O dono da casa ficou indignado e disse ao servidor:

— Vai depressa às praças da cidade e traze aqui os pobres, os estropiados, os cegos e os coxos!

Mais tarde o servidor lhe disse:

— Senhor, tua ordem foi cumprida, mas ainda há lugar.

Então o patrão disse ao servidor:

— Vai pelas estradas e ao longo das propriedades, e força quantos encontrares a vir e assim a minha casa ficará cheia. Porque eu vos digo: nenhum daqueles que foram convidados participará da minha festa.”

(Lc 14,12-24)

Reflexão do Grupo

Todos somos chamados a formar o Reino de Deus

É freqüente que, ao iniciar um grupo, os seus membros se questionem acerca da importância do próprio grupo; ainda mais, se não aparece muito claro, já na primeira reunião, o que é que o grupo pode oferecer a cada um deles. A tentação costuma empurrar a considerar os outros membros como culpáveis da “decepção”, perdendo de vista o valor absoluto que significa a decisão de viver em grupo e com as pessoas que o Senhor convocou junto a um, nesse momento.

1. A parábola do “grande banquete”, contada pelo evangelista São Lucas, serve para explicar o Reino de Deus e nos pode ajudar a compreender e aprofundar o modo concreto que escolhemos para construir o Reino de Deus na terra: através de nossa Comunidade de Vida Cristã.

Descreve-se o Reino como um “grande banquete”, preparado por um homem para os seus *convidados*. Fixemos hoje a nossa atenção nesta qualidade do Reino: é um convite. Na parábola há dois tipos de convite: o que é feito aos destinatários do banquete

e o que é oferecido quando o primeiro é rejeitado. Dois convites que nos devem fazer pensar. Em primeiro lugar, trata-se de um *chamado pessoal*; não viemos por acaso. Isto quer dizer que a nossa vida está inserida numa História da Salvação que será escrita de um certo modo, dependendo da resposta que cada um de nós der a essa vocação que nos foi apresentada. Não é por acaso, portanto, que hoje eu esteja aqui e que, ao meu lado, esteja este certo companheiro; e daí vão depender outros acontecimentos, através dos quais vai fluir a Salvação de Deus para outras pessoas. É que o banquete já está preparado! Pode-se perceber o grito de alegria e de gozo do Senhor, quando chama o seu encarregado para enviá-lo a dizer aos convidados que venham. É uma grande deferência que, no último momento, ainda lhes lembre o convite que já anteriormente fora enviado... como se o Senhor quisesse dizer-lhes:

— “Você lembrará que é hoje...” “Lembro-lhe que é hoje ao meio-dia”.

2. Tudo está preparado; os convites feitos e o lembrete final também. Mas para que o Senhor nos chamou? O que se esconde atrás dessa figura do banquete? O que significa, hoje e aqui, o Reino de Deus?

Quando dizemos que estamos no reino da luz, das trevas, das maravilhas... manifestamos que todas as coisas estão cheias de luz, ou de trevas; que as maravilhas estão por toda a parte... essas realidades abundam tanto que invadem tudo, e as suas conseqüências se enxergam: tudo é tenebroso ou luminoso ou maravilhoso. Quando dizemos que queremos que o Reino de Deus torne-se verdade neste mundo, não manifestamos nada mais do que isto: queremos que Deus esteja em toda parte, que seja visto, que tudo seja de Deus e manifeste Deus. Isto poderia parecer-nos impossível, se Jesus não tivesse vindo para ensinar-nos o como. Ele, como Filho, sabia muito bem que a única maneira de poder realizar isso era apresentando Deus tal como Ele é: Deus é PAI!; por isso, o Reino de Deus tem de refletir essa realidade: que Ele é Pai; e todas as coisas e pessoas devem levar-nos a exclamar: o Pai está aí! Para isso, convidou-nos; é esse o banquete que já

está preparado. Podemos aproximar-nos para participar dele, para fazer com que o nosso grupo comece a refletir a realidade de sua presença... Ele é nosso Pai, nós somos seus filhos, somos irmãos... somos aqueles que têm o mesmo ar de família, o estilo e a forma de viver, de tal modo que possamos ser reconhecidos por todos!

3. Convite, vocação, chamado a partilhar com estes amigos que formam o meu grupo: com minha família, meus companheiros de trabalho ou estudos, a minha paróquia, a minha realidade circundante. Ser para os outros; mas... também eles foram convidados! Ninguém foi excluído deste chamado; somente aqueles que se fecharam a este convite.

O grupo é um aprendizado de partilha da oração e da vida; é uma forma de provar o banquete e de saborear a felicidade proporcionada pelo dar-se aos outros, superando as margens estreitas da vida própria e de seus problemas rotineiros. Fazer com que o outro entre em mim e que a vida dele passe a ser algo comum, dos dois; ampliar o horizonte e enriquecer tanto aquele que dá como aquele que recebe. É um exercício que capacita para sair do próprio grupo, em direção aos que ainda não sentiram o chamado para entrar no banquete do Senhor. Não se pode ser um convidado "perene". É também preciso passar a ser "encarregado do Senhor", para lembrar aos demais que o banquete já está preparado!

4. Para ocupar os lugares deste banquete, o Senhor escolhe os pobres, os aleijados, os coxos e os cegos. Todo aquele que necessita e é consciente de sua necessidade. Às vezes procuramos exatamente todo o contrário: quem tem e é poderoso; invejamos aqueles que são mais do que nós e procuramos a sua companhia, não por eles, mas pelo que têm, para que nós possamos ter mais e, se possível, ficar acima deles. Então as relações se convertem numa corrida de obstáculos, cuja finalidade é ficar por cima de todos.

Jesus escolhe a quem precisa, porque não tem sua segurança nas coisas que o rodeiam mas no amor de seu Pai Deus, que se

manifestará através do amor de seus irmãos. Em que grupo de convidados sentimo-nos incluídos? Naquele que não precisa de nada e despreza o coxo, o cego, etc., ou naquele que recebe o convite com alegria e surpresa, sem sair do seu assombro de ter-lhe cabido ser um dos chamados? Quando os primeiros pretenderem entrar no banquete, acharão que já não há lugar para eles. Quem coloca o seu coração naquilo que ele é, e se sente satisfeito e seguro de si mesmo, de sua dedicação e trabalho, acaba por adorar a própria imagem do seu valor pessoal e do seu sucesso; como irá “ajuntar-se” com os que “não entendem os mecanismos da vida”... aqueles que não sabem “ser eficazes”, aqueles que esbanjam o tempo, sem caírem na conta de que o tempo “é ouro”... aqueles que não dizem mais do que coisas “simplórias”... aqueles que “têm a culpa” daquilo que acontece...?

E, contudo, o Senhor dirá: “nenhum daqueles que foram convidados participará da minha festa”.

Orientação de vida

1. Considero a minha pertença a “esta” Comunidade como uma vocação (chamado de Jesus) para viver o Reino de Deus?

— Ajuda-me saber que os demais também são chamados para construir o Reino de Deus?

— Alegro-me porque este chamado nos tenha sido feito por sermos “pobres, cegos, coxos...”?

— Comunico a outros o achado do Banquete?

2. Sinto tentação de “excusar-me” perante esta vocação?

— O que é que me produz medo? (Dentro do grupo - Na minha vida cotidiana - No meu serviço eclesial).

— O que é que me condiciona mais? Aquilo que tenho de deixar? As pessoas com quem devo partilhar?...etc.

3. Sinto-me capaz de fazer o trabalho de “encarregado” do Senhor?

— Tenho a experiência alegre do Banquete, para convidar outros?

— Onde o Senhor me pede que anuncie que o Banquete está preparado? Como?

Testemunho

Viva a gente

1. Esta manhã, no passeio - com a gente eu me encontrei: o leiteiro, o carteiro - e o policial saudei. Atrás de cada janela - e porta reconheci muita gente de quem antes - nem sequer o rosto vi.

Viva a gente! Lá onde quer que vás viva a gente! É daquilo que gostamos mais. Com mais gente em favor de gente, em cada povo e nação. Haveria gente menos difícil e mais gente com coração.

2. Dentro de cada cidade - e também no exterior, eu a vi como um exército - que vai ficando maior. Então eu caí na conta - de uma grande realidade: as coisas são importantes - mas gente tem prioridade.

Viva a gente!...

3. Dentro de cada um - existem bem e maldade. Mas não deixes que ninguém - ataque a humanidade. Ama-os como eles são - mas luta para que sejam os homens e as mulheres - que Deus para si deseja.

Viva a gente!...

VII - TERCEIRA REUNIÃO: OS MAIS NECESSITADOS SÃO OS PRIMEIROS

Texto Evangélico

"Todos os cobradores de impostos e outros pecadores se aproximavam de Jesus para o ouvir. Os fariseus e os escribas murmuravam:

— Este homem acolhe bem as pessoas de má vida e come com elas!

Jesus lhe respondeu com esta parábola:

— Quem de vós, possuindo cem ovelhas, no caso de perder uma, não deixaria as noventa e nove no deserto para buscar a que se tinha perdido até achá-la? E, quando a encontrasse, não a colocaria nos ombros, alegre, e voltando para casa, não reuniria amigos e vizinhos, dizendo:

— Alegrai-vos comigo, porque achei a minha ovelha que se tinha perdido.

Eu também vos digo: assim é que haverá maior alegria no céu por um pecador que se converter do que por noventa e nove justos que não precisarem de conversão!"

(Lc 15,1-7)

"Jesus voltou de novo para a beira do lago. Todo o povo ia à sua procura, e ele os instruía. Passando por lá ele viu Levi, filho de Alfeu, sentado à mesa de cobrador de impostos, e lhe disse:

— Segue-me!

Ele se levantou e pôs a segui-lo.

Na casa dele, quando Jesus estava sentado à mesa, muitos cobradores de impostos tão desprezados e pecadores estavam com Jesus

e seus discípulos, porque eram muitos os que o estavam seguindo. Quando os mestres da lei dos fariseus viram que ele comia com os pecadores e publicanos, perguntavam a seus discípulos:

— Por que é que ele come e bebe junto com os cobradores de impostos e pecadores?

Ouvindo isto, Jesus lhes disse:

— Não são os que têm saúde que precisam de médico, mas sim os doentes. Não vim chamar os justos, mas os pecadores”.

(Mc 2,13-17).

Reflexão do Grupo

Os grupos são pequenos: um punhado de amigos, a família, grupos de atividades diversas, comunidades etc.; são mini-laboratórios em que se acentuam as relações, que, de modo menos intenso e esporádico se produzem em todas as sociedades humanas de maiores dimensões: uma classe, uma faculdade, um sindicato, uma associação de bairro etc. Em todas elas, encontramos os mesmos fenômenos; apenas variam a intensidade e a frequência.

Um destes fenômenos é o relacionamento que se estabelece entre cada uma das pessoas dos grupos e OS DEFEITOS, LIMITAÇÕES, ERROS... até a MÁ VONTADE dos outros. Perante essas coisas, desencadeiam-se reações, com maior ou menor rapidez, de acordo com as afinidades ou distanciamentos de cada pessoa em relação ao sujeito que apresenta essas NEGATIVIDADES.

Os primeiros encontros produzem SURPRESA. Às vezes, confusão: parece impossível que “aquilo” possa estar lá, e nos negamos a acreditá-lo. Quando a repetição das manifestações torna claros os efeitos negativos de uma conduta, costuma produzir-se o JULGAMENTO (normalmente, desqualificador da pessoa), aquilo que se chama a “etiquetagem”; p.ex., “fulano é assim...” Com esse juízo já formulado e, às vezes, comentando no nível de “fofoca”, aproximamo-nos dele e dizemos que tentamos compreender tudo o que ele faz, diz e insinua... Esse julgamento é como que a pauta ou a régua pela qual tudo deve ser medido; quer dizer, trans-

forma-se em PRÉ-CONCEITO. A partir daí, as atitudes e sentimentos que despertam em nosso interior perante a presença destas pessoas são de REJEIÇÃO, positivamente manifestada; ou, pelo menos, de DISTANCIAMENTO, conforme for o grupo, maior ou menor, e as oportunidades que existirem de colocar o sujeito de escanteio. Daqui nascem, nos grupos menores, os “conflitos” ou os “silêncios não-provocativos”. Serão eles soluções evangélicas adequadas? São atitudes nascidas de uma sensibilidade que se deixou penetrar, até os espaços mais íntimos, pela atitude de Jesus?

1. “Acolhe as pessoas de má vida e come com elas.” “Não vim chamar os justos, mas os pecadores.”

A atitude de Jesus é conhecida por todos nós: acolher, chamar os necessitados, para que vão a ele. É uma atitude positiva; poderia ter esperado que os outros se decidissem por conta própria. Chama Levi e lhe faz um oferecimento, com risco de ser respondido secamente, com rudeza. Ele dá o primeiro passo e aceita a liberdade do outro, para que possa responder-lhe sim ou não. Não existe pressão; simplesmente, trata-se de um convite.

As pessoas que Jesus chama, convida e acolhe não são as “boas desde sempre”, as que possuem fama e um nome reconhecidos... mas, exatamente o contrário: cobradores de impostos, incréus, prostitutas, pecadores... Gostamos de escolher bem as nossas amizades e as pessoas com quem partilhar a nossa vida; somos muito exigentes na hora de selecionar: marcamos o modo de ser, os gostos, as inclinações, as idéias religiosas, as opiniões políticas, o nível econômico...? tantos e tantos requisitos que, na hora da verdade, ficamos sozinhos... Ainda lembramos a imagem do balaio de maçãs, com uma podre no meio, e os “sábios conselhos” que nos deram em nossos anos infantis... nunca um balaio de maçãs sadias “curou” a maçã podre; mas uma só maçã podre basta para estragar o balaio inteiro de maçãs sadias. Com quanta facilidade, somos capazes de conhecer aquilo que é “bom” e “mau”, “sadio” e “doente”! Quão pouca confiança temos no Senhor e no seu Espírito que habita em nós!

“Acolher e comer com eles...”. Quando nos decidimos a ser como Jesus, certamente nos sentimos bastante mal *interiormente*, já que tão dificilmente repetimos essa atitude. Jesus fazia isso não só com naturalidade, mas também com verdadeiro prazer. Jesus amava e queria as pessoas que chamava e acolhia, porque tratava de compreendê-las, de entrar no interior delas, na sua história ou, o que é o mesmo, na vida delas. Para ele, não se tratava de um “dever” penoso, que tivesse de cumprir, um expediente que preencher. Jesus não contratava, não cobrava “comissão” de cada pecador arrependido ou de cada incrêu a quem escutava. Também não tomava a sua ação como um “preço” ou taxa para poder viver e desfrutar tranqüilamente do resto do mês. As suas “boas obras” não eram contabilizáveis. Ele tinha um coração BOM, que acolhia porque sintonizava com o interior dos outros, compreendia as pequenas tragédias deles, os seus temperamentos, as suas debilidades... sabia de que barro estavam feitos e valorizava os esforços de sua pobre boa vontade...; para Ele, não havia “bons” e “maus”, como nos “banguê-banguês”; cada pessoa sentia-se compreendida e querida pelo impulso cordial que Ele tinha de aproximação de todo aquele que precisasse.

É isto o que nos distingue de Jesus: Ele desfrutava acolhendo e comendo com os “maus”; nós sofremos só de pensar neles. Ele compreendia; nós julgamos. Ele queria os outros; nós queremos somente a nós mesmos. Ele estava rodeado por todos; nós estamos sozinhos. Ele se encontrava na realidade; nós, na quimera de nossos pensamentos.

2. “Haverá maior alegria no céu por um pecador que se converter...” “Alegrai-vos comigo, porque achei a minha ovelha que se tinha perdido.”

Os verbos que o Evangelho utiliza para descrever as ações de Jesus com os pecadores e incrêus são: chamar, comer, sair à procura, convidar, acolher; essas coisas produzem arrependimento. Se fôssemos examinados acerca de nossas ações e sentimentos diante das NEGATIVIDADES dos outros, os verbos seriam mais enérgicos: zangar-se, aborrecer-se, dar sermão, censurar condutas, repreender, corrigir, envergonhar etc. É possível até que a nossa

conduta seja provocada por um afã sincero de perseguir a verdade, a pureza de costumes, evitar o escândalo, transformar a sociedade... e isso é bom de per si. Somente falham os meios. Ou não conhecemos o ser humano ou a nossa sensibilidade nos atraiçoa. Jesus nos conhece bem e não falha: o meio é amar... amar as pessoas tal como elas são, com os seus defeitos, erros e pecados. Ele ama porque eles e nós precisamos ser amados com amor gratuito: com amor livre, que não nos torne escravos. Ele não ama... PARA ALGO. Não há interesse algum; basta-lhe amar.

Se cáissemos na conta de que as nossas reações não procedem do amor...! Fazemos coisas *para* que “os outros” mudem, sejam de um jeito diferente, deixem de ser como eles são e passem a ser como nós desejamos que sejam. Quer dizer, nós somos aqueles que determinam como se deve ser; eles são os que obedecem. Nós, os DITADORES; eles, os ESCRAVOS...; mas, certamente, SANTOS. Foi para isso que Deus nos deu a liberdade e nos fez de um jeito concreto de ser? Ficou esperando que nós interviéssemos para fazer dos outros BOAS CRIATURAS?

Se Jesus e o céu se alegram com o arrependimento de um pecador, é porque ele se decidiu, porque usou da sua liberdade e optou por ser, ele também, arauto do amor que tão gratuitamente lhe foi dado. Porque descobriu que, atrás desse amor “inútil”, não podia haver outra coisa senão o amor do Pai.

Orientação de Vida

1. Acolho todos aqueles que vejo necessitados ou diferentes de mim?
 - Tive oportunidade, nesta semana, de aceitar algumas pessoas daquelas que “não me caem” bem? Como me senti interiormente?
 - Que pessoas do grupo “me caem” pior? Por quê?
 - Poderia encontrar nelas dez qualidades positivas?
 - Conheço qual é a “história” delas? Gostaria de perguntar-lhes alguma coisa?

2. Quando encontro a ruindade (as NEGATIVIDADES) dos outros, dentro ou fora do grupo, carrego-a sobre as costas, muito contente, ou resisto e me rebelo contra ela?

- Que defeitos de meus pais, irmãos, companheiros, membros do grupo... me caem pior, quando os vejo de perto?
- Que defeitos, limitações, erros ou pecados de outros não assumi nesta semana? Fizeram-me perder o controle (tiraram-me dos meus caixilhos)?
- Os meus comentários sobre os outros são geralmente negativos, ou antes encontro rapidamente desculpas para eles?

Testemunho

Dentes-de-Leão

(Florzinha amarela, praga de gramados e jardins)

“Um homem que cuidava bem do seu gramado se viu às voltas com uma imensa multidão de dentes-de-leão. Usou todos os métodos que tinha ao seu alcance a fim de eliminá-los; mas a praga lá estava sempre mais viçosa.

Dirigiu-se ele então, a um departamento do Ministério, creio eu, da Agricultura. Na carta enumerou tudo quanto já usara para acabar com os tais dentes-de-leão, perguntando, no fim: ‘Que me resta fazer?’

Passados alguns dias, a resposta veio: ‘Nós sugerimos a você que aprenda a amá-los!’

Ele estava perdendo a vista, pouco a pouco. Combatia a cegueira, com todas as forças que havia em sua vida. Quando viu que a medicina já nada podia fazer para ajudá-lo, começou a lutar com suas emoções. Foi-me necessária muita coragem para dizer-lhe: ‘Sugiro que você aprenda a amar a sua cegueira’.

Que batalha foi aquela! Ele recusava, de qualquer forma, admitir a cegueira, no princípio... Nem uma só palavra lhe dizia. Quando,

afinal, se decidiu a conversar com ela, foi com palavras cheias de raiva e amargura. Mas continuou a conversar e, aos poucos, as palavras foram transformando-se em frases de resignação, aceitação e tolerância. Um dia, finalmente, com grande surpresa, até para si mesmo, elas se tornaram palavras de amizade e... de amor. Chegou o dia em que foi capaz de pôr um braço ao redor da sua cegueira e lhe dizer, num envolvente abraço: 'Eu te amo! Neste dia eu o vi sorrir de novo. E que sorriso!

Claro que sua vista estava arruinada para sempre. Mas como ficou linda sua face e seu semblante! Muito mais linda do que era, antes que a cegueira viesse morar com ele".

(A. de Mello, S. J., *O Canto do Pássaro*, trad. de H. S. de Lima, ed. Loyola, pp. 79-80).

VIII - QUARTA REUNIÃO: O NOSSO CENTRO VITAL

Texto Evangélico

“O reino dos céus é como um tesouro escondido num campo. Um homem o encontra. Então, esconde-o novamente e, cheio de alegria, vai vender tudo que tem e compra esse campo.

O reino dos céus é ainda como um comerciante que anda à procura de formosas pérolas. Quando encontra uma de grande valor, vai, vende tudo o que possui e a compra.”

(Mt 13,44-46)

“Porque, onde estiver o teu tesouro, ali estará também o teu coração.”

(Mt 6,21)

“Teus olhos são como uma lâmpada para o corpo. Se, pois, teus olhos estão bons, todo o teu corpo estará na luz. Mas se teus olhos estão doentes, todo o teu corpo estará em trevas. E se a luz que está em ti são trevas, como serão grandes essas trevas!”

(Mt 6,22-23)

Reflexão do Grupo

Somente nos move aquilo que amamos

Com certa freqüência, queixamo-nos da nossa inconstância ou da falta de decisão perante as nossas determinações. Tudo vira dúvidas para nós; pulamos de um aspecto a outro da realidade, sem podermos chegar a dizer que existe algo de decisivo. E dá na mesma que se trate de uma coisa insignificante, como comprar um par de sapatos ou ir ao dentista, ou que sejam realidades com grande repercussão, como a escolha de carreira ou o compromisso com uma obra apostólica. Se tivermos um tempo determinado

para tomar uma decisão, transcorrerá pulando de uma à outra das razões mais ou menos imprecisas, sem que possamos chegar a dizer o que é que queremos.

Pelo contrário, há outras decisões que as tomamos com tamanha segurança e imediatismo que não deixam a mínima margem de dúvida. Seria até uma perda de tempo chegar e propor uma reflexão sobre isso. Estamos certos daquilo que queremos!

A diferença que existe entre estas diversas ocasiões não é mais do que a força com que queremos cada coisa. É suficiente que a dor de dentes se prolongue além de duas noites, para que não duvidemos nem um minuto...; basta que tais sapatos estejam de moda dentro de uma classe social, para que não haja nada capaz de derrubar a nossa decisão... As coisas têm poder de atração, valem para aquilo para o que foram ideadas; somos nós os que mudamos a respeito delas. A nossa sensibilidade afina-se diante delas, em determinados momentos, e o seu influxo cresce como uma maré que arrasta em direção a elas; então dizemos que elas possuem um valor, que constituem um motivo para nós. Simplesmente, desejamo-las.

E então surge isso, tão difícil de definir: o amor; amamos, queremos... Somos capazes de conhecer aquilo que, em nós e nos outros, constitui esse *centro vital* capaz de arrastar-nos à ação, numas ocasiões, e de deixar impassíveis, nas outras?

1. "É como um tesouro... uma pérola de grande valor..."

Ao ouvirmos falar de um tesouro, de uma pérola, situamo-nos já num contexto muito concreto: uma civilização determinada, a nossa, onde um tesouro e uma pérola têm uma cotização elevada. Ainda há filmes em que os brancos trocam com os índios bugigangas por tesouros, ou uns coitados malaios descem às profundezas dos mares para tirarem pérolas que sempre viram lá e que não mereceram a sua atenção, até que chegaram os aproveitadores de turno, oferecendo por elas o estritamente necessário para comprar o pão de cada dia. Nem para uns, nem para outros, o ouro, as pérolas e outras jóias tinham valor algum... despojaram-se delas como de algo menos na moda do que aquilo que chegava de

fora, ou como de algo mais inútil do que um punhado de moedas. O valor somos nós que o colocamos, e está em referência a uma situação pessoal e ao nosso ambiente; tudo isso como fruto da história de nossa existência.

Todos possuímos um conjunto de valores, mais ou menos grande, que constituem esse *centro vital* que norteia a nossa conduta. São o motor de nossas ações; aquilo que se relacionar com esse centro será o objeto da nossa atenção; aquilo que ficar longe, passará totalmente despercebido.

Dentro desse centro vital, existem zonas mais ou menos intensas; é o que chamamos hierarquização dos valores; alguns deles constituirão o núcleo mais íntimo e os outros se disporão ao redor, com menor força de atração. A totalidade das idéias e motivos de nossa existência encontra-se dispersa, de acordo com a distância a esse centro, como que formando um pequeno cosmo. A sua situação não depende da sublimidade do conteúdo, mas da capacidade de atrair a atenção do nosso "sol".

Por isso, há momentos em que não nos compreendemos. Sentimo-nos indiferentes, indolentes ou "pufas" perante fatos da vida ou idéias que o nosso entendimento considera muito importantes e merecedores de todo o nosso interesse; em outros, sentimo-nos interpelados, quando "vemos" racionalmente que aquilo tem pouca consistência. Qual é o nosso tesouro? O que é a pérola para nós? ou, dito de um outro modo: você conhece a sua hierarquia de valores? Chegou a encontrar esse centro vital que dinamiza a sua atividade?

2. *"Cheio de alegria, vai vender tudo o que tem e compra esse campo".*

A razão pela qual as coisas atraem a nossa atenção é a alegria, a satisfação ou a felicidade que nos produzem. Não poderia ser menos, dado que o homem foi criado para a felicidade. O que acontece é que quase nunca paramos para sondar o nosso interior; assusta-nos o ter de nos encontrar conosco mesmos e escutar esse chamado no mais profundo do nosso ser. Temos medo de que lá possa surgir algo que não conhecemos (acreditamos não conhecer) ou que, pelo menos, não seja bem visto "em sociedade".

Como poderíamos apresentar o nosso “eu” perante os outros, com tais gostos, sentimentos etc., tão pouco “dignos”? De tanto fechar o alçapão do porão, o nosso “eu” ficou sepultado na masmorra, embora, de vez em quando, se escutam os seus lamentos e queixumes, amortecidos pela densidade do peso que vamos colocando em cima. E isso ainda nos assusta mais... e decidimos ocultá-lo com mais força.

O ruim é que, para caminhar pela vida, precisamos ter alguns gostos, algumas opiniões, alguns sentimentos etc. E como os nossos não podem sair, tomamos a determinação de pedi-los emprestados àquilo que estiver mais na moda: ao amigo, ao livro, à revista, ao partido, ao grupo, ao psicólogo, ao padre... Com eles construímos o nosso mundo: “eu *tenho* de ser assim...”; e pretendemos poder dizer: “eu *sou* assim...”.

Mas a vida não é tão fácil de ser domada e, quando chega a oportunidade, ela se subleva ou, pelo menos, responde como não desejaríamos. Se não fazemos caso aos nossos próprios sentimentos, como irão brotar quando os convocarmos? Não podemos ser artificiais, colocando sobre a nossa psicologia todo um conjunto de idéias mal digeridas e pior assimiladas, e pretender ainda que possamos reagir como se os nossos sentimentos fossem verdadeiros.

Se o homem da parábola evangélica *odiasse os tesouros*, mas lhe tivessem dito que qualquer pessoa, sempre e em qualquer lugar, deve valorizar os tesouros como o melhor de sua vida, ao encontrar um poderia ter feito duas coisas: a) Olhar para ver se alguém estava observando-o; e, se estava sozinho, tornar a enterrá-lo e afastar-se de lá a toda pressa. b) Cobri-lo e tratar de comprar o campo por um preço pequeno... (para ele não valia a pena demais!)

Contudo, *alegrou-se...* o tesouro tocou no centro de sua vida, deu-lhe uma grande satisfação; por isso, sai correndo e, sem duvidar, vai vender tudo o que possui... tudo o que, para ele, não constituía o seu centro vital, aquilo que não tinha tanta importância como o tesouro ou a pérola que acabava de encontrar.

Dois sentimentos: uma grande alegria, a felicidade, e uma avaliação de todo o resto como algo sem importância. Aqui não há sentimento de frustração ou de sacrifício heróico, ao ter de vender

tudo; não o faz com a consciência de quem despoja de tudo, nem há sentimento de tristeza; antes pelo contrário! Se queremos saber qual é o nosso tesouro, onde está o nosso centro vital..., examinemos os nossos sentimentos, aqueles que nos saem de dentro; não aqueles que pedimos emprestados ou que nos foram impostos, vindos de fora. Porque onde está o nosso tesouro, lá está o nosso coração.

Orientações de Vida

1. Conheço os meus verdadeiros valores, aquilo que eu amo na vida? O que é que constitui o meu *centro vital*?

Nesta semana, o que me produziu verdadeiras alegrias, felicidade? (mesmo que se trate de sentimentos considerados negativos: vingança, ira, bajulação, vaidade...).

Poderia resumir os valores que *eu percebi*, como "tesouro", nas conversas ou ações de:

— minha família,

— meus amigos.

Coincidem com os meus? São sinceros?

2. Sinto-me feliz com a minha própria hierarquia de valores?

Tenho de esforçar-me (contrariar os meus gostos), para fazer aquilo que DEVO FAZER?

IX - QUINTA REUNIÃO: CAPACIDADE PARA A MUDANÇA

Texto Evangélico

“Chegaram a Betsaida e trouxeram-lhe um cego, suplicando que tocasse nele. Tomando o cego pela mão, ele o conduziu para fora do povoado. Pôs saliva sobre seus olhos, impôs-lhe as mãos e perguntou:

— Vês alguma coisa?

Recobrando a vista, o cego respondeu:

— Vejo homens que parecem árvores caminhando.

Em seguida, Jesus impôs novamente as mãos sobre os olhos do cego e este começou a enxergar perfeitamente. E ficou curado, de modo que via tudo distintamente. E o mandou para casa, dizendo-lhe:

— Não entres no povoado!”

(Mc 8,22-26)

“Partindo dali, atravessaram a Galiléia. Ele não queria que ninguém soubesse disto, porque ensinava aos discípulos:

— O Filho do homem será entregue às mãos dos homens e lhe tirarão a vida. Uma vez morto, ressuscitará, depois de três dias!

Eles não compreendiam esta palavra, mas tinham medo de fazer-lhe perguntas.

Chegaram a Cafarnaum e, em casa, Jesus lhes perguntou:

— Que é que estáveis discutindo no caminho?

Mas os discípulos permaneciam calados, porque no caminho tinham discutido quem seria o maior. Então Jesus se sentou, chamou os Doze e lhes disse:

— Se alguém quer ser o primeiro, seja o último de todos e o servidor de todos.

Depois, pegou uma criança e a colocou no meio deles. Ele a tomou nos seus braços e lhes disse:

— Quem acolhe uma destas crianças em meu nome, a mim acolhe. E quem me acolhe, não é só a mim que acolhe, mas também aquele que me enviou”.

(Mc 9,30-37)

Reflexão do Grupo

A Aceitação da Mudança de Valores

Cair na conta da própria hierarquia de valores, da hierarquia real que, às vezes, não coincide com aquela que nós pensamos ou com a que dizemos possuir, é colocar um ponto de realismo na nossa vida. E se chegamos a aceitar-nos tal como somos, sem o disfarce que mascara o nosso modo de ser, teremos dado um primeiro passo para sermos pessoas cabais, sem perigo de esquizofrenias. Tudo isso é um estágio básico para poder chegar à intimidade com o “outro”, o qual, por sua vez, terá de chegar também a essas alturas pessoais, para que o nosso relacionamento possa ser construtivo.

Contudo, ainda precisamos de um passo ulterior, a fim de que esse contato entre pessoas possa chegar a ser tão fecundo quanto possível: aceitar que esse relacionamento influa na minha vida, na minha hierarquia de valores, na forma de julgar e avaliar as coisas. É preciso convencer-nos de que um grupo não pode caminhar, se as posições de partida de cada um são tão ferrenhas e inamovíveis que não fica nenhuma possibilidade de mudança. Um grupo assim é um fóssil, não um ser vivo; não tem objeto nem sentido ir adiante, na tentativa de chegar a ser uma COMUNIDADE DE VIDA, pois falta uma das qualidades mais importantes: o desejo de progredir, de sair de si próprio, para conseguir sintonizar com todos os que formam o grupo, num ponto além daquele em que atualmente nos encontramos.

Não será isso uma falta de personalidade? Um medo perante o “bicho papão”?

O evangelho nos ajuda a compreender esta atitude necessária para que o cristão tenha fé na presença do Espírito que anima a sua Igreja e que não fica reduzido a repetir aquilo que já aconteceu, mas que, conforme as palavras de Jesus, “vos conduzirá à verdade completa... e vos anunciará as coisas *futuras*” (Jo 16,13).

1. *“Conduzi-o para fora do povoado... Não entres no povoado...!”*

É muito freqüente, entre nós, identificar uma mentalidade estreita, pequena e fechada, com uma “mentalidade provinciana, caipira”. Esses tais são os que não enxergam além do seu nariz, os que não se fiam de ninguém, os que desconfiam de tudo e se aferram àquilo que “sempre foi feito” e porque “sempre foi feito assim”. São pessoas que se negam a abrir os olhos e, sobretudo, a mente; que não desejam entrar no mínimo confronto, porque já decidiram que nada devem nem podem mudar; porque nem sequer entra na cabeça deles a possibilidade de ver as coisas de um outro modo. Esta atitude não é patrimônio de pessoas incultas ou ignorantes; ela aparece, com freqüência em pessoas com curso superior, profissionais que estão relacionados com outras pessoas, que vivem no meio de uma sociedade em mudança, onde as gerações (conjunto de valores, gostos, moda e até linguagem) variam cada vez mais depressa.

Ainda lembro, com assombro, o arrazoado de um professor que baseava toda a sua pedagogia no fato de que levava 35 anos fazendo a mesma coisa e não via por que tinha de mudar. Evidente, os alunos também não viam por que tinham de continuar com esse professor, nem sequer um minuto.

Essa mentalidade “provinciana” com a qual Jesus teve de enfrentar, era a mentalidade de um povo que acreditava ser privilegiado, que desprezava tudo o que não eram as suas tradições e que se amparava no fato de ser descendente de Abraão, a fim de impor a sua lei e a sua forma de vida a todos os homens que pretendessem entrar em relacionamento com Deus. Uma mentalidade que não deixa a Deus a opção de salvar os homens senão

através daquilo que ela mesma é capaz de imaginar para seu próprio privilégio.

Perante ela, Jesus tem de atuar lentamente, passo a passo, até conseguir uma libertação total: a) conduz a pessoa pela mão, com cuidado; b) separa-a de tudo aquilo que reforça o modo de pensar dela (o povoado); c) vai dando-lhe outros valores, para enxergar a realidade; d) dá-lhe segurança e alegria na nova orientação; finalmente, e) a introduz numa comunidade (casa) nova, onde não existe a possibilidade de cair de novo na mentalidade anterior (povoado).

2. A dificuldade para a mudança provêm de um certo compromisso com uma forma de ser e de pensar sobre a qual pautamos a nossa vida e com a qual conseguimos um certo grau de satisfação. Às vezes, enganamo-nos e decidimos que estamos satisfeitos, embora isso não seja certo; no fundo, porém, há um certo "benefício"... mesmo que não seja mais do que sermos tidos como "modelos" pelos outros, ou de aparecermos aos nossos olhos como fiéis exemplos do ideal que nos foi apresentado na nossa educação.

Trata-se de uma instalação, cômoda e satisfatória, que produz segurança, pois na base de repetir determinados modelos de conduta, chega-se a ter reflexos rápidos e seguros, ao mesmo tempo que se possui uma resposta adequada para todas as interrogações que possam surgir. É um modelo de compreensão da realidade circundante, onde nada fica solto. Isto pode levar a produzir uns níveis de adesão variáveis, segundo a pessoa seja mais ou menos crítica.

A aceitação incondicional, que apaga toda sombra ou dúvida, gera o fanático, que é capaz de levar sua obcecação (cegueira) até a negar os fatos evidentes.

Para esse tipo de pessoas, a mudança é uma espécie de traição que quebra o pacto de fidelidade; outras vezes, concebe-se como uma falta de agradecimento aos valores que tantas satisfações nos proporcionaram no passado, ou como uma espécie de egoísmo

que procura, em todo momento, aproveitar as circunstâncias mais favoráveis, à custa de qualquer coisa, por sagrada e imutável que possa ser.

O raciocínio é simples: a verdade é somente uma e, portanto, não pode mudar. Se aquilo que eu vivi até agora era a verdade, isto é, e será sempre a verdade, que não muda.

Não acreditamos que os judeus fossem pessoas de má vontade, que pretendessem matar Jesus gratuitamente e sem nenhum fundamento. Os fariseus eram pessoas piedosas, que acreditavam em Deus e estavam procurando a glória de Deus. Como nós e como aqueles que moram junto a nós. Conhecemos gente de má vontade? Acreditamos que eles são muito diferentes de nós? Os Apóstolos estavam no meio: por um lado, entre seus "guias oficiais", sua educação, seu meio ambiente (esses amigos e vizinhos que nos querem bem, que nos aconselham, para o nosso bem, é claro...); e por outro, as idéias de Jesus; idéias que, de uma parte eram tão bonitas, tão ideais, mas de outra tão complicadas, tão duras (morte, cruz, entrega...) Quem podia compreender?; e o que é pior, quem ousaria perguntar?

3. A mudança exige uma grande dose de abertura, de estar aberto a tudo que chega. Exatamente o contrário dessa mentalidade provinciana. Por que é que ela se forma? Porque lá não chega nada, nem há séculos aconteceu nada; porque a vida continuou sempre igual, dia após dia. Quando existe abertura, as coisas chegam; quando há capacidade de escutar, percebem-se as razões, as nuances, a realidade. Então é o momento de iniciar um processo de resposta: a) saber duvidar daquilo que alguém tem e faz; b) encontrar, naquilo que alguém é, a resposta adequada AQUI e AGORA.

Somente com um desejo sincero de encarnação atualizada, pode-se enfrentar um processo de mudança, onde a certeza provém do convencimento de que somente assim se pode continuar a ser aquilo que alguém é. Quando se despreza ou silencia aquilo que é diverso, quer se trate de formas novas de ver as coisas, quer simplesmente da passagem do tempo, perde-se o mais substan-

cial de si próprio, pois se renuncia a que vivam e tenham voz, no momento presente, os valores que alguém encarna. Isso quer dizer que a pessoa passa a ser uma figura do passado, um fóssil vivo ou uma relíquia de museu.

4. A mudança supõe *docilidade* ao Espírito do Senhor, quer dizer, confiança em que Deus é o Senhor da história e que fala através dos acontecimentos e das pessoas com quem nos encontramos. Cada momento, com as suas circunstâncias, é um lugar de encontro com o Senhor, onde não existe uma resposta pré-fixada àquilo que Ele nos pede: O que quereis dizer-me com esses acontecimentos, com essas pessoas que colocais ao meu redor? Como devo responder?

Atitude de escuta, de docilidade, que comporta *risco*. "Parte para longe da tua pátria, de teus parentes e da casa de teu pai, e dirige-te ao país que eu te indicar" (Gn 12,1). Deixar o conhecido, o rotineiro, aquilo que não exige nenhum esforço, para entrar nessa peregrinação às apalpadelas... até a terra que eu te darei!

Quando se aceita a possibilidade de mudar, corre-se o risco de não encontrar nunca essa terra, essa casa onde alguém repousa com segurança. Dentro de um grupo, a mudança deve ser contínua, porque, quando chegamos a conhecer as pessoas, é muito fácil "etiquetá-las", colocar-lhes um cartaz: "fulano é assim!"; a partir daí, tudo resulta fácil e inteligível. Se não cedemos a essa tentação, essa figura deve mudar um dia após o outro, através da escuta atenta das nossas impressões. Ainda mais, a mudança de uns irá repercutindo nos outros e produzirá uma reação em cadeia que, no fim, irá determinar o crescimento do grupo. Crescimento esse que não é fácil de sinalizar, e que também é um risco, pois os seus limites não são definidos e suas exigências são imprevisíveis.

5. Às vezes, também nos encontramos com pessoas lentas para a mudança: "Vejo homens que parecem árvores caminhando"; "não compreendiam esta palavra, mas tinham medo de fazer-lhe perguntas" (Mc 9,32).

Nem sempre as mudanças são espetaculares; produzem-se com lentidão e passo a passo, no meio de dúvidas e vacilações. Algumas vezes, sentimo-nos convencidos, decididos e animados; outras, encontramos-nos completamente preguiçosos, tristes e com vontade de mandar tudo “às favas”. E era tão bom quando não havia nada disso! É a lembrança dos alhos e cebolas do Egito. Quem nos mandou meter-nos nestas encrencas!

Tudo se torna obscuro e não aparece a mínima fresta. Precisa-se de paciência e fortaleza, para alguém se suportar a si mesmo e aos outros. Para alguém ser tolerante com os demais, precisa sê-lo consigo mesmo. Não se muda da noite para o dia; é necessário saber isso e contar com essa realidade, a fim de não desfalecer e jogar tudo fora. Aquele que tem pressa, às vezes, é porque não tem capacidade de sofrimento; queremos sacrificar-nos pouco e obter grandes resultados com pouco esforço.

A paciência perseverante é um cheque em branco e um sinal da aceitação e acolhida que é dada por todos para alguém; de fato, um grupo deve acompanhar, no seu caminhar, o passo daqueles que vão devagar, para que não fiquem desconectados do conjunto. Se Jesus tivesse feito uma boa programação de seus ensinamentos e acomodado o ritmo de suas instruções à caminhada de um discípulo médio, teria conseguido, no fim, aquilo que conseguiu? Foi pouco, mas muito. Eles não entendiam, tinham medo de perguntar... mas havia algo que ficou muito claro: Jesus os amava, dera a sua vida por eles, pois foram eles que permaneceram com Ele em todas as suas tentações. O Pai dera-os, mas quantas vezes esteve tentado de abandonar a empresa? “Também vós quereis ir embora...?” “Há quanto tempo que convivo convosco e ainda não me conheceis?...” “Embaíña a tua espada...” “Senhor, é agora que pretendes restabelecer o reino em favor de Israel...?” “esperávamos que fosse ele...”.

Nessa paciência, que é espera esperançada, contra toda esperança, manifesta-se toda a força da coesão interna do grupo; no fundo, é o milagre do amor que o Senhor coloca no meio daqueles que se reúnem em seu nome.

Orientações de Vida

1. Sinto que, na minha vida, me custa mudar?

— Mudar horários, itinerários para ir ao trabalho, à faculdade..., roupas, leituras, divertimentos...?

— Como me adapto às novas circunstâncias: no trabalho, na vizinhança, nas amizades, na convivência social, na família, na política...?

2. O que me custa mais: a mudança de pessoa ou de idéias?

3. Nesta semana, tive de viver alguma situação de mudança? Pessoal? Grupal? Como a vivi?

4. Quais são os pontos que devo revisar a respeito do grupo?

— Devo mudar algo em minha conduta exterior? Pontualidade, preparação, participação?

— As minhas atitudes perante o grupo? Sinceridade, confiança, paciência?

5. Qual é a mudança mais urgente na minha vida?

Testemunho

Processo Humano da Conversão

a) A conversão é uma "decisão" pessoal

Em toda decisão séria, profunda e importante que acontece no homem, ressalta a *tomada de consciência* equivalente, por uma parte, a um *distanciamento* da realidade vivida e que é considerada insatisfatória; e por outra, a uma *aproximação* em favor de algo futuro que é vislumbrado como uma coisa que paga a pena. A conversão equivale a estar decidido.

Esta decisão deve ser razoável, não tresloucada; objetiva, não caprichosa; praticável, não impossível; profunda, não superficial; positiva, não negativa. De jeito nenhum é uma fuga, mas um retorno, uma volta àquilo que é medular.

Toda decisão, é lógico, tem limites razoáveis, a fim de que não se torne *fanática* nas idéias (cuidado com os dogmatismos!) ou *escravizadora* na prática (cuidado com os voluntarismos!).

Isto quer dizer que, na conversão, se dão *motivações* extremamente variadas. Alguns momentos de conversão são falsos (obtenção de vantagens) ou incompletos (por via das dúvidas de se existe algo além da morte).

b) *A conversão é uma "mudança" de práxis*

A conversão não é uma simples mudança intelectual, de opinião ou de juízo, mas algo que afeta o homem todo (é um novo nascimento), a direção e o *sentido da vida* (os princípios imperativos que a regem) e *determinados valores*, que são escolhidos livremente, com todas as suas conseqüências.

A mudança pode ser repentina, no sentido de que, de repente, se revelam impulsos e emoções exigentes, que anteriormente se encontravam latentes e aos quais o indivíduo resistia, embora eles tentassem emergir. Também pode ser *gradual*, sem saltos espetaculares, mas na linha crescente da aceitação firme, passo a passo.

Para que a mudança seja *real*, é preciso que a conversão se verifique, dê frutos, tanto no plano pessoal (identificação ou maturidade) como no plano social (sair da alienação, libertação). Em definitivo, a conversão é *compromisso*.

c) *A conversão é um "processo" histórico*

Em primeiro lugar, a conversão é um processo de *amadurecimento*, que consiste em superar entusiasmos enganadores, criticar continuamente as motivações, aceitar a realidade, tal como ela é, produzir, em todos, rastros de liberdade e conseguir uma profunda e plena socialização.

Mas, ao mesmo tempo, a conversão é um processo de *fragilidade*. Nunca se dá uma conversão de uma vez para sempre. Existem

alternativas, subidas e descidas, avanços e recuos, pois na vida não há progresso sem regresso, mudança sem conflitos, nem descobertas sem crises. O convertido tem de assumir a tríplice experiência do fracasso, do erro e da falta.

Igualmente, a conversão é provocada ou ajudada por um *acontecimento* ou situação especial. As decisões básicas são tomadas em situações de especial gravidade. Com freqüência, intervém algum acontecimento que se percebe como algo novo (C. Florestán, *La Evangelización, tarea del cristiano*).

X - SEXTA REUNIÃO: TOLERÂNCIA E DIÁLOGO

PRESSUPOSTO (EE 22)

“Deve-se *pressupor* que todo bom cristão está mais pronto a justificar uma proposição do próximo do que a condená-la:

Se não pode justificá-la... PERGUNTE COMO É QUE ELE A ENTENDE

Se a entende mal...

CORRIJA-O COM AMOR

se isso não basta...

PROCURE TODOS OS MEIOS

PARA QUE...

a entenda bem, E ASSIM SE SALVE.”

“Se teu irmão pecar contra ti, vai procurá-lo e o repreende a sós. Se te escutar, terás ganho teu irmão. Mas, se não te escutar, toma contigo uma ou duas pessoas para que, *sob a palavra de duas ou três testemunhas*, seja decidida toda a questão. Se também não quiser escutá-las, expõe o caso à igreja. E, se não quiser escutar a igreja, considera-o como um pagão e um desprezado cobrador de impostos.”

(Mt 18,15-17)

Reflexão do Grupo

O Diálogo, Atitude Básica do Cristão

1. Não é muito comum essa atitude! e contudo, para Santo Inácio, devia ser tão clara que a colocou no começo dos Exercícios Espi-

rituais e a fez extensiva a todo cristão, pelo simples fato de sê-lo. A atitude espontânea de todo bom cristão deve ser a de pensar bem dos outros; inclinar-se a justificar tudo o que os outros fazem. Não se trata somente de uma presunção de inocência... (atualmente está de moda o de ser "presumido" delinqüente), mas um passo a mais: aquilo que o próximo fala, faz e pensa está bem. É isso o que significa "justificar a posição do próximo".

E não se trata precisamente daquilo que nos ocorre quando escutamos os outros... Somos mais parecidos com o caçador que espera, com a espingarda levantada, a saída do pombo, para soltar o disparo à mínima inflexão da voz ou perante a mais leve alusão...: quem não se achou alguma vez, dizendo para os seus botões: você que pensa assim...! você não me passa a perna...! sei muito bem o que tenho entre mãos...! você me vai dizer...!?

A mesma coisa dentro da família: marido e mulher, ou pais, filhos e irmãos... E, saindo da esfera mais íntima para os ambientes de trabalho ou amizades... o que não pensamos e dizemos de "nossos amigos" (!), quando ficamos a sós...! Em outras oportunidades, nem isso!; basta que alguém ou alguns vão embora, para que eles sejam o centro da "fofoca".

Se fosse este o teste ou prova do nosso cristianismo... quantos passariam? Mas é preciso levar em conta que não se especifica nem se recorta o campo de nossa atitude... O próximo é um conceito aberto, que admite umas extensões globais e universais: todo próximo e em toda ocasião! Aqui não se fazem limitações nem descontos; ou alguém é cristão ou não é. Pelo menos, deveria existir uma vontade decidida de chegar a sê-lo, de começar um processo que desemboque nessa forma de ser.

2. Contudo, esta atitude não quer dizer que o cristão tenha de estar de acordo com tudo o que os outros façam ou digam. Daquilo que eles pensam, de suas intenções... Jesus já falou que ficam totalmente fora do nosso campo; aí..., nem a Igreja! O cristão, portanto, pode se ver surpreendido, em sua boa atitude, por expressões ou fatos que não pode "justificar"... logo de saída! E então, o quê?

Inácio vai indicar-nos o caminho: o primeiro, *dialogar*, "perguntar como é que ele a entende". Não se trata de uma atitude inquisitorial, mas de esclarecimento; sabemos que nem todos damos o mesmo valor às palavras, aos conceitos; que, para alguns, há gestos intoleráveis, enquanto para outros quase não têm significado. É preciso que cada um chegue à conclusão de que *eu entendo o que o outro quer dizer*. Nem mais nem menos.

A atitude de diálogo exige um grande esforço, para suprimir suspicácias, ressentimento, desejos de ficar por cima, caçada às bruxas, pequenas vinganças etc. todo esse mundo *inconsciente* que envolve a nossa capacidade receptiva e dá cor à visão clara e transparente do "emissor", do outro que deseja comunicar-se ou exprimir a sua forma de ver as coisas. Conseqüentemente, é uma atitude simples, humilde e fraterna de quem desconfia de si mesmo, antes de condenar aquele que contradiz ou discorda da opinião própria.

Nestas condições, o diálogo pode levar ao entendimento e à compreensão. Mas, em outras ocasiões, é possível que a conclusão seja o descobrir que, no próximo, há um erro (a malícia é uma avaliação ética que não cai no campo do cristão...; juiz: somente Deus!). A aproximação que aconteceu para chegar a essa descoberta terá originado também um conhecimento mais exato daquilo que é a forma própria ver a verdade e, sem dúvida, é fonte de objetividade pessoal, para reconhecer as limitações e deficiências de si mesmo. Esta atitude poderia permitir-nos ser mais exatos na correção e, simultaneamente, mais caritativos...: "corrija-o COM AMOR!"

E aqui podemos dizer que o texto do evangelho de São Mateus dá no alvo: em primeiro lugar, *a sós!*, sem nenhuma publicidade... para que a coisa fique entre os dois; sem que ninguém perceba nem o erro de seu irmão, nem o "olhar de lince" para descobrir os erros... Como nos agrada publicar aquilo que *descobrimos...*! Mas eu já dizia...! Há muito tempo que cheirava mal...! "Com amor" significa: *com respeito para com o outro*, sabendo que é um irmão com direito à própria imagem. Se a correção não é eficaz, procure pessoas que sirvam de intermediários, de testemunhas. Pessoas que possam estar perto dele e que lhe facilitem a tarefa de mudar. Todos sabemos que essa tarefa não é nada fácil... dar

o braço a torcer!, cair do cavalo! É um caminho difícil e é necessário aplinar as dificuldades... Se as coisas não vão bem... a Comunidade! Também São Paulo pensou neste conselho do Senhor: "E como é que um de vós se atreve, quando tem queixa contra outro, a ir procurar justiça no tribunal dos injustos, e não no tribunal dos santos?... Mas, quando tendes essas queixas, vós escolheis como juízes os que nada valem na Igreja. Digo isto para a vossa vergonha". (1Cor 6,1.4-5).

"A roupa suja se lava em casa", diz o ditado. E não pode ser de outro modo; quando existe interesse pelas coisas, procuram-se todos os meios possíveis para que o irmão não se perca. É muito possível que seja mais duro, para a unidade da Comunidade, quebrar a acolhida, a compreensão, o carinho, do que admitir muitas de nossas diferenças. Existem tantas coisas tão substanciais e importantes que são capazes de provocar a ruptura e a separação de um irmão?

Orientações de Vida

1. Considero-me uma pessoa dialogante ou fechada?
2. Existem temas ou situações em que me é mais fácil dialogar?
3. Os meus pensamentos são mais conciliadores ou mais críticos?
 - das pessoas
 - das situações
 - das idéias.
4. No meu grupo ou Comunidade, faço distinções: tolero uns... reprovo outros... critico outros...?
5. Custa-me falar com os demais quando preciso indicar algum erro ou limitação?
6. Aceito, com facilidade a correção?
 - Lembro alguma ocasião próxima?
 - Seria custoso, para mim, ser corrigido por minha Comunidade?

Testemunho

“O diálogo é, portanto, modo de exercer a missão apostólica, arte de comunicação espiritual. Os seus caracteres são os seguintes:

1. *Primeiro* que tudo, a *clareza*. O diálogo supõe e exige compreensibilidade, é transfusão de pensamento, é estímulo do exercício das faculdades superiores do homem. Bastaria este seu título para o classificar entre os mais altos fenômenos da atividade e da cultura humana; e basta esta sua exigência inicial, para levar o nosso zelo apostólico a rever todas as formas da nossa linguagem: para examinar se ela é compreensível, popular e digna.
2. Outro caráter é a *mansidão*, aprendida na escola de Cristo, como Ele nos recomendou: ‘aprendei de mim que sou manso e humilde de coração’ (Mt 11,29). O diálogo não é orgulhoso, não é pungente, não é ofensivo. A autoridade vem-lhe da verdade que expõe, da caridade que difunde, do exemplo que propõe; não é comando, não é imposição. O diálogo é pacífico, evita os modos violentos; é paciente e é generoso.
3. Outra característica é a *confiança*, tanto na eficácia da palavra-convite, como na receptividade do interlocutor. Produz confidências e amizade, enlaça os espíritos numa adesão mútua ao Bem, que exclui qualquer interesse egoísta.
4. E o último caráter é a *prudência* pedagógica, que atende muito às condições psicológicas e morais de quem ouve (cf. Mt 7,6): se criança, se inulto, indisposto, desconfiado e mesmo hostil. Essa prudência leva a tomarmos o pulso à sensibilidade alheia e a modificarmos as nossas pessoas e modos, para não sermos desagradáveis nem incompreensíveis” (Paulo VI, Enc. *Ecclesiam suam*, n. 83-84).

XI - SÉTIMA REUNIÃO RESPEITO PARA COM O RITMO DE CADA UM

ANOTAÇÃO 4ª (EE 4)

“De fato acontece que...

Uns são mais lentos que outros em achar aquilo que procuram...

outros são mais diligentes

ou mais provados pelos diversos espíritos...

algumas vezes torna-se necessário abreviar

outras, prolongar.”

“Levantando os olhos, Jesus viu que os ricos depositavam as suas ofertas no cofre do Templo. Viu também uma pobre viúva que colocava ali duas moedas de cobre. Então ele disse:

— Eu vos asseguro: esta pobre viúva deu mais do que todos os outros. Pois todos aqueles deram do que lhes sobrava, mas esta deu, da sua indigência, tudo o que lhe ficava para viver.”

(Lc 21,1-4)

Reflexão do grupo

O Senhor é Quem Dá o Crescimento

1. O comentário de Jesus perante a esmola da viúva centra-se em dois aspectos: a) a situação da mulher; b) a quantia dada. Jesus não nega a realidade: a mulher é pobre; a quantia, uns trocados. Também não se perde em disquisições sobre o mérito; não diz

nada do que possa ter merecido ou não. Jesus somente afirma: "deu mais do que todos os outros", "tudo o que lhe ficava para viver"; e isso chama mais a atenção, se levarmos em conta a opinião que Jesus tinha do Templo. Alguns versículos mais adiante: "de tudo quanto contemplais, não ficará pedra sobre pedra: tudo será destruído". Parece brutal que Jesus diga isso. Essa pobre viúva dá tudo por uma causa inútil, que não durará muito... e ele não intervém para impedi-lo.

A nossa mentalidade eficazista e calculadora resiste-se a aceitar o fato: como Jesus deixa que essa pobre mulher fique sem nada, por uma causa inútil e prejudicial?; porque o Templo já não vai ser o lugar de culto...: "os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e em verdade" (Jo 4,23).

E a razão que ele dá para compreendermos o sentido da doação é que uns dão "do que lhes sobra", e outros "do que lhes fica para viver". Poderíamos dizer que, quando se trata de dar, as quantidades não são absolutas, mas relativas; cada um determina a sua meta, de acordo com as suas possibilidades: dá mais não quem tem mais, mas quem *fica com menos*. Esse não guarda para si, nem pensa em outros motivos senão o próprio dar.

2. Dentro de uma comunidade, cada pessoa possui um ritmo particular, uma generosidade especial que não está em relação com as potencialidades das pessoas. Há quem poderia dar muito, tanto em nível pessoal quanto de grupo ou na missão entre os mais necessitados do seu ambiente. Outros não possuem tantas qualidades, o seu campo é muito limitado... Contudo, todos têm uma resposta a dar ao chamado que o Senhor lhes faz.

Não é uma questão de voluntarismos nem de elaborar listas de decisões heróicas, para marcar com elas os minutos do dia. Trata-se antes de deixar-se levar pela força do chamado que Jesus vai fazendo sentir, cada dia, com maior nitidez e clareza. Somente Ele é quem pode exigir; somente Ele é quem pode medir avanços e retrocessos.

Se pudéssemos perguntar à viúva do evangelho a sua opinião sobre a esmola dada, é muito possível que ela não saberia

responder. Deu aquilo que lhe pareceu "normal" que devia dar, nem mais nem menos. Não se sentiria uma heroína; também não uma sovina. Para aquele que se deixa guiar pelo seu coração, o cálculo não tem lugar; dá tudo aquilo que tem, sem pensar se é muito ou pouco.

3. Esta atitude do coração produz paz na consciência e centra o esforço pessoal em atender ao chamado interno mais do que em preparar um catálogo de condutas. Paz consigo mesmo, paz com os outros que nos rodeiam, de quem não vai ser exigido nada mais do que a sua abertura ao apelo do Senhor. Esta paz interior é o clima que estimula a sensibilidade perante a necessidade próxima.

Quando alguém se obstina em realizar certas coisas, alcançar determinadas metas, é fácil que caia numa inquietude contínua. Nunca se encontra o fim, nada é suficiente; tudo parece pouco para quem tem de apagar as vozes exigentes do seu eu interior. Este desassossego cansa, enfastia; no fim, desiste-se de qualquer avanço. O nosso eu, que tanto exige, não é capaz de se satisfazer e, muito menos, de proporcionar a força para superar as dificuldades, ou a paz de espírito.

No meio deste torvelinho, não há um momento para ver "aquilo que é preciso dar, aquilo que é preciso fazer", mas para procurar outras coisas que sejam mais difíceis ou mais espetaculares.

4. Na vida de um grupo, há oportunidades em que é muito conveniente revitalizar esta atitude; cada pessoa avança ao seu próprio ritmo: "uns são mais lentos... outros, mais diligentes... ou mais provados..." Por isso, é preciso ter paciência, não simples tolerância, mas uma compreensão da realidade. Cada qual é como ele é, e o Senhor chama a cada um com sua liberdade, suas qualidades e suas limitações. Por isso, não é conveniente um excesso de pressa ou de nervosismo: o clima deve ser de paz, para que seja o Senhor quem coloque, nele, as exigências para cada um.

Orientações de Vida

1. Preocupo-me em saber se estou progredindo na minha vida cristã?

— Sinto remorso, na consciência, por não fazer “mais coisas”?

— Sou daqueles que quantificam a vida cristã?

— Reservo muitas coisas para mim?

2. Sei respeitar o ritmo de crescimento dos outros?

— Colo “etiquetas” nas pessoas do meu grupo, família, ambiente de trabalho...?

— Custa-me aceitar as falhas ou limitações dos outros?

— Valorizo tudo quanto há de positivo ou de progresso nas condutas de outras pessoas?

Testemunho

MACACO SALVANDO PEIXE

“ ‘ Que coisa está fazendo?’ eu perguntei a um símio, certo dia, quando o vi tirando da água um peixe, para colocá-lo na forquilha do galho de uma árvore.

‘Estou salvando o bicho’, respondeu, ‘senão vai afogar-se’.

Comida de um, veneno do outro!

O sol dá visão às águias, mas cega as corujas”.

(A. de Mello, S. J., *O Canto do Pássaro*, p. 18).

XII - OITAVA REUNIÃO: GENEROSIDADE

ANOTAÇÃO 5ª (EE 5)

“É de grande vantagem entrar com grande ânimo e generosidade... oferecendo todo o seu querer e liberdade

PARA QUE

Sua divina Majestade disponha conforme a sua santíssima Vontade.”

“Enquanto faziam este percurso, um homem foi dizer a Jesus:

— Vou te seguir para onde fores.

Jesus lhe respondeu:

— As raposas têm suas tocas, as aves do céu têm ninhos. Mas o Filho do homem não tem onde apoiar a cabeça.

E disse a um outro:

— Segue-me!

Ele respondeu:

— Senhor, deixa que eu vá antes enterrar meu pai.

Mas Jesus replicou:

— Deixa que os mortos enterrem os seus mortos, mas tu vai anunciar o Reino de Deus.

Outro ainda lhe disse:

— Vou te seguir, Senhor, mas deixa que eu vá primeiro me despedir da família.

Jesus lhe respondeu:

— Quem põe a mão no arado e olha para trás não é apto para o Reino de Deus.”

(Lc 9,57-62)

Reflexão do Grupo

Generosidade, Desde o Começo

Iniciar a caminhada de uma comunidade ou de um grupo de exercícios espirituais exige uma disposição de espírito que deverá ser a tônica geral durante todo o tempo: “grande ânimo e generosidade, oferecendo todo o seu ser, querer e liberdade...”

Os Exercícios são uma pedagogia da vida cristã e traduzem, por isso, as condições que Jesus pedia aos seus seguidores, tal como nos narra São Lucas: a) uma *disponibilidade* total; b) uma *radicalidade* na entrega; c) uma *coerência* com a decisão tomada. Não é outra coisa aquilo que Jesus exige dos que o querem seguir.

Poderia parecer que, se uma pessoa se encontrasse já, neste momento, possuindo essas atitudes, não precisaria de mais nada!

Em primeiro lugar, são atitudes tão importantes que não é estranho que apareçam já desde o primeiro momento, mas que tenham de ser cultivadas sempre porque se referem a uma postura habitual para receber, aplicar, crescer e fazer amadurecer o Reino de Deus dentro da pessoa. Aliás, o cristianismo foi confundido freqüentemente com um código de ritos ou atividades pré-fabricadas, enquanto estas atitudes mais radicais ficaram reservadas para certa categoria de cristãos “privilegiados”. Por isso, não assusta reconhecer e chamar pelo nome próprio aquilo que pertence à vocação de cristão, sem mais, ou seja, de uma pessoa que quer seguir o Senhor de verdade, no gênero de vida para o qual Ele a chama.

1. Disponibilidade total

Ser disponível ou estar disponível deve ser a atitude característica do homem nos Exercícios Espirituais; o Pe. Arrupe diz: "entendida como prontidão, agilidade, liberdade operativa, para qualquer missão que nos for dada". Aqui, a disponibilidade deverá ser entendida como disposição de abertura para tudo o que o senhor possa pedir através de seus chamados. É uma atitude generosa, que nasce como conseqüência do convencimento de ser chamado por Jesus, para ser como Ele e, portanto, para viver como Ele: sem preocupar-se com nada: "o Filho do homem não tem onde apoiar a cabeça". O que impede e dificulta essa prontidão ao chamado é todo o conjunto de coisas que nos amarram e instalam. Não se tratará de grandes coisas, mas são "as nossas amarras"...; e dá na mesma a águia ficar presa por corrente do que por linhas: enquanto estiver amarrada, permanecerá prisioneira e, portanto, imóvel.

Para sairmos desta reclusão, precisamos colocar, num dos pratos da balança, o conjunto de freios que podem anular a nossa liberdade e agilidade, e, no outro, o peso do chamado de Jesus. Quer dizer, é necessário colocar frente a frente o brilho, a suavidade e o aspecto agradável de um caminho descomprometido e fechado sobre si mesmo, de um lado, e a realidade áspera e insossa de uma vida virada sobre os outros e comprometida com o estabelecimento do Reino de Deus.

Não tem dúvida, é mais confortável ter uma toca, um ninho já feito, onde será compensado o esforço diário, do que viver à intempérie do inesperado e ficar à mercê da necessidade do outro. Nisso consiste a diferença entre o "ser servido" e o "servir". Jesus veio para dar o exemplo de serviço, de desprendimento, de não ter outras preocupações senão as dos outros; ele foi "O DISPONÍVEL", o "homem para os outros". O seu testemunho, contudo, foi além do que os nossos sentidos nos dizem: "É mais feliz quem dá do que quem recebe". Porventura o nosso senso de felicidade se encontra adormecido e já nos tornamos incapazes de gostar de algo novo, que nem se compra nem se vende nos grandes magazines?

Quando Ele o diz...!

2. Radicalidade na entrega

Quando escutamos a palavra radicalidade, logo pensamos num sentido um tanto pejorativo; simplesmente, produz-nos desgosto, porque não estamos habituados a tomar decisões "radicais". Radical vem de "raiz" e nos fala algo que consiste em plantar ou arrancar uma árvore; não ficar com meias-tintas: ou sim, ou não. E é neste ponto onde, como cristãos, sofremos uma maior deturpação de nossa compreensão do seguimento de Jesus.

Foi-nos dito, com demasiada insistência, que seguir a Jesus com radicalidade significava deixar "tudo": pais, irmãos etc... e, portanto, epa! ao convento... e quanto mais longe de tudo, melhor. E depois... quê? Bem, já está... deixa-se tudo, e pronto! E assim acontece que fizemos fim daquilo que não era mais do que um meio; e, dessa forma, estragamos, de uma vez por todas, a compreensão daquilo que é o Reino de Deus. Porque, desse jeito, somente pertencem ao Reino os que têm voto de castidade e pobreza...

Jesus diz a esse "outro": Segue-me!, quer dizer, vem comigo para construir o Reino de Deus neste mundo, para estabelecer a fraternidade entre os que somos filhos de um mesmo Pai. O bom "outro" responde-lhe: "deixa que eu vá *primeiro*...!" Não compreendeu nada daquilo que Jesus lhe dissera! Se tivesse entendido que o Reino deve ser construído desde o primeiro momento em que se escuta o chamado...! que já não pode haver *nada* antes dele...! Jesus não lhe diz que faça uns votos, nem que renuncie... porque isso é um meio para alguns...; para ele: "tu vais anunciar o Reino de Deus"... que consiste em tua vida, teu trabalho, tua família, teus relacionamentos..., mas sem colocar nada na frente, porque não pode haver outra coisa, dado que, se houvesse, seria ela a que caracterizaria a tua vida, o trabalho, as tuas relações; e isso seria o teu deus... teu pai.

Radicalidade quer dizer que não existe nem existirá nada que condicione a vida de uma pessoa, de forma a caracterizá-la ou dar-lhe significado, a não ser o Reino de Deus.

3. *Coerência com a decisão tomada*

Num mundo que vive tão pouco coerentemente, é difícil aceitarmos ser coerentes... porque isso supõe assumir as conseqüências das opções tomadas, e essas conseqüências podem entrar em conflito com os valores que, sem querer, nos vão passando, como moeda corrente, o ambiente, a publicidade etc.

Ser coerente exige um grau elevado de firmeza, de segurança naquilo que alguém faz... "oferecendo todo o seu querer e liberdade"... ; e a força desta expressão está no TODO, tão ináciano.

Inácio não era um homem de meias-tintas; quando propunha algo, pensava-o detidamente, ruminava...; mas, chegada a decisão, toda a sua vontade se despejava no cumprimento; não ficava nenhum canto do olho virado para trás...; colocar a mão no arado e ficar olhando para trás não conduz a nada mais do que a fazer alguns sulcos defeituosos, a perceber como mais dura a tarefa que se está realizando, e a encontrar desproporcionado o esforço esquizofrênico de olhar simultaneamente para frente e para trás. Tudo isso é sinal inequívoco de que alguém está desistindo. Ir desse jeito pela vida, só conduz ao fracasso, ao arrependimento e à lamentação sobre qualquer coisa iniciada. E o Reino de Deus não é algo que se possa tomar hoje e deixar amanhã...; quando alguém sente internamente aquilo que ele pede e quer, não existe possibilidade de dizer para Deus que, a partir de amanhã, deixe de ser o nosso Pai.

Orientações de Vida

1. Perante o chamado ou convite de Jesus a segui-lo, a iniciar uma caminhada atrás dele:

o que sinto com mais força: a sua pessoa ou as minhas barreiras?

2. Ser disponível exige ser sensível às necessidades dos outros:

— Que necessidades ou carências me atingem mais profundamente?

— O que é que freia os meus desejos de ser disponível?

— comodismo, — vaidade, — soberba, — consumismo...?

— Que pessoas admiro mais, em relação a esta qualidade?

— da comunidade, — da família, — do trabalho ou estudos, — do mundo social que me rodeia.

— O que poderia eu fazer para vencer alguma das minhas barreiras?

3. Compreendo bem o que significa a radicalidade do seguimento de Jesus? Como poderíamos ser mais radicais, enquanto grupo? Assusta-me algo concreto, quando ouço falar em radicalidade?

4. Quais são as minhas coerências mais notáveis? E as da nossa Comunidade?

Testemunho

“Chegou a um povoado grande antes de Monserrate e quis comprar aí a roupa que determinara vestir para ir a Jerusalém. Comprou tela, de que costumam fabricar sacos, uma que não é tecida em trama fina, mas deixa vãos mais largos. Mandou logo costurar dela uma veste comprida até os pés. Comprou mais um bordão e uma cabacinha, e colocou tudo diante do arçã da mula.

Continuou o caminho de Monserrate, pensando, como sempre costumava, nas façanhas que devia obrar por amor de Deus...

Véspera de Nossa Senhora de Março, do ano de 1522, de noite, foi o mais secretamente que pôde a um pobre, despiu-se de todas as suas vestes, e lhe deu. Vestiu-se de sua desejada túnica e foi fincar-se de joelhos diante do altar de Nossa Senhora, e ora assim, ora de pé, com seu bordão na mão, passou toda a noite. Ao amanhecer partiu logo para não ser conhecido, e foi, não pelo caminho de Barcelona, onde acharia muitos que o conheciam e honrariam, mas desviou-se para um povoado chamado Manresa.

Determinava ficar num hospital uns dias e anotar alguns pontos em seu livro que levava muito guardado e que muito o consolava. Indo já uma légua de Monserrate, alcançou-o um homem que vinha com muita pressa atrás dele e lhe perguntou se dera suas vestes a um pobre, como este afirmava. Respondendo que sim, saltaram-lhe as lágrimas dos olhos, por compaixão, pois compreendeu que o molestavam, como se tivesse roubado” (*Autobiografia de Inácio de Loyola*. Trad. de Armando Cardoso, S. J., Ed. Loyola, pp. 16-18).

XIII - NONA REUNIÃO:
CONCENTRAÇÃO

ANOTAÇÃO 11ª (EE 11)

É vantajoso para o que faz os Exercícios

nada saber na primeira semana do que deve fazer na segunda.

MAS TRABALHE NA PRIMEIRA

para alcançar aquilo que pretende,

**COMO SE NADA DE BOM ESPERASSE ENCONTRAR NA
SEGUNDA.**

“Quando Jesus estava sentado à mesa em Betânia, na casa de Simão o leproso, veio uma mulher trazendo um jarro de alabastro com perfume de nardo puro e muito caro. Quebrando o vaso, derramou o perfume sobre a cabeça de Jesus. E alguns dos presentes davam sinais de indignação, comentando entre si:

— Para que este desperdício? Podia ter sido vendido este perfume por uma boa quantia para dar aos pobres.

E reprovavam severamente a mulher. Mas Jesus disse:

— Deixai-a! Por que a incomodais? Foi uma boa obra que ela fez em relação à minha pessoa. Porque sempre tendes os pobres convosco e podeis lhes fazer bem quando quiserdes, mas a mim não me tendes sempre. Ela fez o que pôde: ungiu o meu corpo por antecipação, para o sepultamento. Eu vos declaro esta verdade: onde for proclamado este Evangelho, em todo o mundo, será contado, em sua memória, o que acabou de fazer.”

(Mc 14,3-9)

*Reflexão do Grupo**O Valor do Momento Presente*

Uma das características que diferenciam a geração jovem atual da de seus pais é o valor que ela atribui ao momentâneo, colocando-o acima do cálculo e da moderação. A maturidade é sinal de previsão, prudência: a juventude é mais... "avoada", sem levar em conta a doce mediocridade do dia-a-dia.

Na sociedade atual, os valores que estão mais em alta, os que são mais "vendidos" pelos meios de comunicação social, são os da geração madura: poupança, previsão, cálculo... Talvez é por isso que a geração jovem se sente mais rebelde e mais incompreendida. Eles são os que consomem o "hoje" de todas as coisas..., talvez com um sentido tão apocalíptico que o hoje deles se encontre na negação total de qualquer amanhã, que não é enxergado como algo melhor. É essa uma das contradições dessa sociedade que cria paraísos de papel com que enganar uma parte dela, a parte que melhor os pode sonhar e desfrutar; mas faz isso, para construir paraísos menos efêmeros e mais sólidos para uns poucos.

Cada um de nós se alista espontaneamente num destes tipos: o dos que vivem somente do hoje; e os que sacrificam o presente a um futuro distante. O nosso grupo também deve ter vivido momentos de tensão por estas inclinações: os que preferem que a reunião seja cordial, amena, agradável; e os que sempre estão pensando: e o que é que eu tiro daqui?; e isto, como é que me servirá no dia de amanhã? Clima cálido e acolhedor, ou eficácia, tarefa, programação?

1. São Marcos nos conta, no texto que lemos, que uma mulher se aproximou de Jesus com um "jarro de abalastro com perfume de nardo puro e muito caro".

Podemos pensar tudo o que há de incongruente nesta situação: nada daquilo que vai acontecer parece ter algum sentido salvável. Antes pelo contrário. É um puro disparate: Jesus está em casa de um homem e comendo; lá não tinha que aparecer mulher nenhuma, para nada; as mulheres judias não comiam em público misturadas com os homens. Aquela mulher estava lá sobrando.

Em segundo lugar, leva um jarro de perfume, daqueles que se utilizavam para ungir os reis, a fim de ungir Jesus, que vai começar a sua paixão e vai ser atraído pelos seus. Este perfume era de nardo e muito caro. O desproporcionado da situação reflete-se na reação dos convidados: “davam sinais de indignação, comentando entre si”. Por último, quebrou o jarro e derramou o perfume sobre a cabeça de Jesus. O gesto mais comum entre os judeus para manifestar a hospitalidade era o de lavar os pés do convidado; por isso, São João diz que a unção foi nos pés. Contudo, Marcos indica claramente que o perfume todo foi derramado sobre a cabeça de Jesus.

A atuação toda da mulher está cheia de absurdos e é sem sentido; por isso, produz nos outros esses comentários indignados. Podemos escutá-los: o preço do perfume era elevadíssimo: o salário de um peão durante um ano inteiro. Ninguém encontrava sentido naquilo que ela fizera: e isto, para quê?; não se poderia ter contentado com algo mais barato? Não havia uma outra forma de exprimir o mesmo, mas de um modo algo mais de acordo com o sistema da vida de Jesus?

Aqui temos, em confronto, duas posições de vida: a daquele que dá tudo o que tem; que não calcula, não pensa no amanhã; que se deixa levar pelo coração; o espontâneo... E, frente a ela, a daquele que amadurece as decisões até o enjôo, aquele que mede, pesa, avalia, calcula o risco, o sucesso, as conseqüências.

Os primeiros aparecem como os dilapidadores, esbanjadores, sem senso da realidade, utópicos, sonhadores...; os segundos são os sérios, os objetivos, os que têm os pés no chão. Estes se zangam, reprovam os outros...

2. Jesus toma posições: “está muito bem o que ela fez comigo”. É que, no mundo de Jesus, os valores não funcionam de igual maneira do que na sociedade pagã. Se a ação da mulher for medida em termos monetários, de coisas que se podem fazer com esse dinheiro, de eficácia, estaremos perdendo o sentido verdadeiro de seu gesto. Podemos, por acaso, indicar em cruzados o valor de uma noite passada à cabeceira da cama de um filho, um marido ou um companheiro moribundo? Quem se atreveria a avaliar o preço da substituição de um plantão no hospital, feita na noite de

Natal, para que um companheiro possa passar umas horas com a família? Quando entra em jogo a qualidade das ações, quebram-se os esquemas dos computadores. Não é possível aplicar coeficientes corretores a uma hora feita com carinho, com amor.

Quando se trata de ser cristão, de seguir Jesus, não há possibilidade de cálculo... Quebrou-se o jarro... para que o perfume que estava dentro atingisse totalmente o objeto do amor de quem o oferecia. A urgência do Reino de Deus é total e se apresenta a cada momento...; não existe espera, não há amanhã...; é sempre aqui e agora.

3. Nos Exercícios Espirituais e na vida de todas as comunidades, o momento presente é irrepetível; tem o valor de alicerce ou de suporte de tudo quanto virá, porque é um elo de um processo; e, por ser isso, não podem ficar "matérias dependentes". Mas também porque a vida cristã não é uma teoria e é vivida a cada instante. Aqui não há compensações de uns momentos de maior euforia ou veracidade pelas horas baixas ou frouxas como também não se admitem as reservas para "melhores ocasiões".

Pode acontecer que uma Comunidade esteja colocando em comum algo tão sublime como a vivência da caridade ou a preocupação com a marginalização no próprio ambiente, e que esse tema seja uma oportunidade para romper a união entre as pessoas; pode ainda acontecer que algumas delas fiquem silenciadas pela "abundante e atual documentação" de alguns. É que a situação presente da Comunidade não é lida nem interpretada à luz das idéias em debate? Falha a sensibilidade do momento presente?

Às vezes, acreditamos que nos preparamos tanto e tão bem para o futuro, que o presente escapa. O mais difícil de toda preparação é a *sensibilidade* perante o que vimos, o que acontece diante de nossos olhos; e sublinho a palavra *sensibilidade*, porque uma reação pronta e atual somente pode proceder de uma sensibilidade afinada; se queremos submeter os dados recebidos a um processo lógico de amadurecimento, crítica, avaliação etc., reagiremos... talvez bem, mais tarde, quando tiver passado a oportunidade.

Por isso, Inácio nos recomenda essa atitude de entrega total ao momento presente: porque é a melhor preparação para tudo o que está chegando. Atenção e concentração naquilo que acontece “aqui e agora”, como se nada mais fosse acontecer...; de fato, nada mais acontece, pois nem o passado nem o futuro existem.

Orientações de Vida

1. Preocupa-me excessivamente o futuro das coisas?

— O que vai ser de minha vida, de minha profissão, de minhas amizades...?

— Sinto preocupação pelo que será a vida desta Comunidade?

— Calculo ou meço as minhas energias na hora de viver a minha vida cristã: com os mais necessitados, com as pessoas da Comunidade, com aqueles com quem trabalho... família...?

— Tenho as minhas “frases feitas”, para justificar a minha atitude? (“nem todos estamos feitos de madeira de heróis... o importante é o dia-a-dia... formiguinhas, não cigarras...”).

— O futuro me distrai do presente?

2. Acredito que sou pessoa sensível, impulsiva ou antes racionalizadora, lenta?

— Reajo bem... mas tarde?

— Deixo passar momentos e ocasiões importantes?

— Arrependo-me muitas vezes de não ter atuado com maior prontidão?

3. Na Comunidade, vi algum momento em que não soubemos atuar em tempo?

— A força dos temas se sobrepõe a nós?

— Somos sensíveis às necessidades de todos?

*Testemunho**Santidade no Momento Presente*

"Prenderam um guerreiro japonês e o colocaram dentro da prisão. O infeliz não dormia um só minuto por estar convencido das torturas que haviam de infligir-lhe no outro dia.

Nesta situação, então, lembrou-se de umas palavras de seu Mestre Zen: 'O amanhã não existe; a realidade é apenas o presente'.

Depois de relembrar estas palavras, voltou ao presente e adormeceu.

O homem que se livrou das garras do futuro assemelha-se aos pássaros do céu e às flores do campo. Sem ansiedades pelo dia de amanhã. Imerso no presente. Um homem santo!"

(A. de Mello, S. J., *O Cantô do Pássaro*, p.32).

XIV - DÉCIMA REUNIÃO: ESPÍRITO DE SUPERAÇÃO

ANOTAÇÃO 13ª (EE 13)

“É preciso notar ainda que,
se no tempo da consolação é coisa fácil e agradável estar em con-
templação uma hora inteira,
no tempo da desolação, pelo contrário, é muito difícil completá-la.
Portanto,
o exercitante,
a fim de reagir contra a desolação e vencer as tentações

**DEVE PROLONGAR SEMPRE UM POUCO A HORA MARCADA
PARA QUE SE HABITUE NÃO SÓ A RESISTIR AO AD-
VERSÁRIO, MAS AINDA... A DERROTÁ-LO”**

“Tendes ouvido o que foi dito: *Olho por olho e dente por dente.* Mas eu vos digo, que não resistais ao malvado. A quem te bater na face direita, apresenta também a outra. A quem quiser fazer demanda contigo para tomar a tua túnica, deixa levar também o manto. E se alguém te forçar a dar mil passos, anda com ele dois mil. A quem te pede uma coisa, dá. A quem quer de ti um empréstimo, não lhe dê as costas.

Tendes ouvido o que foi dito: *Amarás o teu próximo* e odiarás o teu inimigo. Mas eu vos digo: *Amai os vossos inimigos* e rezai por aqueles que vos perseguem; deste modo vos mostrareis filhos dos vosso Pai que está nos céus, porque faz raiar o sol sobre os bons e os maus, e chover sobre os justos e injustos.

Pois se amais somente aqueles que vos amam, que recompensa tereis? Acaso os desprezados cobradores de impostos não fazem também assim? E se cumprimentardes somente a vossos irmãos, que fareis de especial? Acaso os pagãos não fazem a mesma coisa? Portanto, sede perfeitos como vosso Pai celeste é perfeito.”

(Mt 5, 38-48)

Reflexão do Grupo

O “Mais” Inaciano, ante aTibieza

Durante os Exercícios Espirituais em retiro, a contemplação é a atividade por excelência; aquela que constitui o grosso das horas do dia e o eixo em torno ao qual devem girar todas as preocupações do retirante. Luz ou não luz, comer ou não comer, sentado ou em pé... nada é importante! Tudo está orientado a que, nos momentos privilegiados, se consiga “aquilo que estou a procurar”.

Inácio dá por suposto que aquilo que estou a procurar deve ser conseguido na oração, nos momentos em que o homem está diretamente em contato com o seu Criador; por isso, a atitude de espírito que se toma aqui como objeto da atenção deve ser conseguida também como atividade primordial: a oração. Ela, por sua vez, influirá beneficentemente em todos os momentos que cada pessoa dedique à contemplação. O homem dos Exercícios não pode ser uma pessoa impulsionada pelo capricho ou as veleidades: “agora me apetece... agora não me apetece...!” Inácio sabe que uma personalidade assim, inconstante, abúlica, medrosa, não pode chegar a tomar decisões importantes sobre a sua vida. Sempre haverá um “mas”...! E essas núvens, criadas pela própria fantasia, serão ameaças contínuas que acabarão por pregar a pessoa na inatividade.

1. “Habitue-se não só a resistir ao adversário, mas ainda... a derrotá-lo.” Esta expressão nos coloca, em cheio dentro de um estilo de vida ou de forma de fazer as coisas muito particular; é uma declaração de guerra a tudo o que é temporizar, dilatar as coisas, adiar, ceder, perante as primeiras dificuldades... Inácio faz o seguinte raciocínio: Se o exercitante, que começa os

Exercícios, se retrai as dificuldades que possam surgir ao ter de dedicar um tempo à oração, ou se encurta o tempo ou suprime esses momentos, o que acontecerá quando tenha de escolher?; e como será capaz de comprometer a sua vida na direção escolhida?

Nos Exercícios em retiro, não existe outra coisa senão fazer: ou se faz oração ou se quebra a cabeça, para achar o que fazer, durante esse tempo. Mas, quando os Exercícios se fazem na vida cotidiana, ou quando uma pessoa, na sua vida corriqueira se encontra perante situações em que deve optar por uma decisão de acordo com "o normal", "o de todos...", a situação se torna especialmente delicada. Tudo o que rodeia esse tipo de decisões é o adverso: não há tempo para fazer oração, nem tampouco um espaço adequado; as ocupações nos assaltam; os comentários dos amigos, dos filhos, da mulher ou do marido, dos irmãos etc., vão numa direção diferente e, às vezes, contrária. Como é possível, então, ter paz para pensar? Como se pode chegar a "derrotar" o adversário?

2. Em primeiro lugar, é necessário tentar reconhecer o "adversário". Não é fácil habituar-se ao som de fundo do adversário, mas já temos um primeiro "tom": é o desgosto, a rejeição, a falta de atração que brota em nosso interior perante aquilo que temos de fazer. Às vezes, no grupo, caímos na conta daquilo que está acontecendo, intuímos qual deveria ser a nossa atitude para com o outro ou com os outros, e sentimos um peso, uma inércia: "não te metas em encrencas...", "há outros que também sabem fazer isso...". A mesma coisa acontece na atividade apostólica ou dentro da paróquia, ou do trabalho ou Faculdade... por que não nos decidimos a aproximar-nos daquele que precisa de nós ou a quem poderíamos aliviar em seu trabalho, atividade, marginalização etc.?

O primeiro que nos aparece é um fantasma carregado de tudo quanto há de negativo, de duro, de inútil e até de contraproducente ou que possa ser tal em nossa atuação. Diante disso, surge o medo, a incapacidade, o desejo de abandonar ou fugir...; outras vezes, tudo se reduz a uma paralisia, com desgosto por sermos como somos. E o pior está ainda no ceder; cada vez que consentimos em deixar-nos arrastar por essa atonia, fazemos com que as coisas piorem... e não achamos uma saída. Mal por toda a parte.

2. A única solução está em enfrentar decididamente esses fantasmas que nos vaticinam num futuro tão penoso e obscuro. Como diz o ditado: "Se não queres uma xícara, xícara e meia!" Jesus, no evangelho, nos indica o caminho: "se alguém te forçar a dar mil passos, anda com ele dois mil...". Se fosse esta a norma de proceder, logo acabariam os fantasmas, pois a nossa sensibilidade também aprende; e logo que cair na conta que não adianta nada o queixar-se, porque a solução vai além do previsto, deixará de provocar esse tipo de sentimentos difusos e irracionais.

Ainda mais, a experiência nos diz que, quando atuamos decididamente e com segurança, na linha do que foi projetado, sem desviarnos nem a um lado nem ao outro, por muito barulho que a nossa sensibilidade quiser orquestrar, no fim, sentimo-nos contentes e recompensados. Não só fizemos algo que vale a pena, mas a nossa própria estima sobe de preço: somos capazes de dirigir a nossa própria vida!

Orientações de Vida

1. Sou daqueles que, para fazer as coisas (orar, ajudar o outro, colaborar...), esperam sempre a "ter vontade"?
2. Detecto, com sensibilidade, os sentimentos negativos que brotam no meu interior, quando me proponho a fazer algo de bom?
3. Utilizei recentemente a norma que Santo Inácio indica na "anotação 13^a"?
 - Eram muitos os sentimentos negativos que freavam a minha ação?
 - Custou-me muito enfrentar-me com eles?
 - Como me senti depois de atuar "até derrotá-lo"?

Testemunho

"Havia um sufi santo que rezava todas as noites antes de deitar, mas uma noite esqueceu e, quando tinha adormecido, sentiu que

alguém mexia nele e lhe dizia: 'Levante-se e faça a oração da noite que esqueceu'. Levantou-se e logo começou a orar; mas antes parou um momento para ver quem era que o despertara e para agradecer-lhe. Qual não foi a sua surpresa, quando, olhando bem, viu que era, nada menos, do que o demônio Iblis em pessoa. Quis certificar-se e perguntou:

— Você é o demônio?

— Sim.

— Pois não entendo. Eu pensava que o papel do demônio fosse fazer que a gente não rezasse e agora encontro-me com que o demônio me acorda e me lembra da oração que eu esquecera. Não compreendo.

— Posso explicar tudo. Sim, eu faço que o pessoal não reze. De fato, há alguns dias, fui eu mesmo que fiz que você sentisse sono e deitasse sem fazer oração. Você lembra? Eu fiquei satisfeito. Mas, na manhã seguinte, quando você acordou e lembrou que não tinha feito oração na noite anterior, sentiu tanta dor e contrição que ganhou muito mais mérito com a sua penitência e arrependimento, diante de Deus, do que o que teria lucrado com a oração. Assim é que hoje não quero que aconteça outra vez o mesmo. Não seja que você acorde amanhã com remorso por não ter rezado e ganhe outra vez mais mérito, o que me deixa danado. De forma que faça o favor de levantar e rezar agora como Deus manda, e nada de bobagens e arrependimentos amanhã.

Assim, Iblis foi embora e o sufi rezou.

Quando as coisas saem do avesso, Iblis muda de tática! É bom sabê-lo... Contanto de fazer o *contrário* do que ele sugere... ” (Carlos G. Vallés, S. J. *Saber escoger. El arte del discernimiento*, p. 109).

XV - AVALIAÇÃO DESTA ETAPA

Objetivo Principal

Formação do grupo e esclarecimento da identidade cristã

1. OBJETIVOS PESSOAIS

- Considero que aquilo que estou procurando, na minha vida, o conseguirei através do grupo?
- Percebo que cresceu em mim a capacidade de me abrir aos outros?
- Valorizo aquilo que constitui a minha história, a experiência da minha vida?
- Respeito os demais, tal como eles são, com a sua história e as suas vidas?
- Sei ceder, diante dos outros, nas iniciativas do grupo?
- As minhas comunicações estão sendo mais “vivenciadas”, menos “teóricas”?

2. FORMAÇÃO CRISTÃ

- Estou aprendendo a fazer oração?
- Compreendo e valorizo a importância da oração pessoal?
- Participo, cada vez mais, na oração comunitária?
- Compreendo melhor e vivo mais a liturgia?
- A figura de Maria vai ficando mais clara na minha vida?
- Percebo que cresce em mim a sensibilidade em face da injustiça que me rodeia?

— Procuvo viver os problemas da marginalização que ficam mais próximos a mim?

— O compromisso de vida se vai tornando mais central em mim?

— Tenho alguma iniciativa de serviço às necessidades do ambiente que me rodeia?

3. OBJETIVOS GRUPAIS

— Sinto-me acolhido e aceito pelo grupo?

— Tenho confiança plena na discrição dos outros, em relação ao que digo no grupo?

— Aquilo que digo ou dizemos, no grupo, são coisas “minhas” (íntimas) que eu não diria em qualquer outra reunião?

— Estamos crescendo em amizade os componentes do grupo?

— Está ficando mais freqüente fazermos reuniões dos membros do grupo (todos, alguns) para “passar a tarde”, para uma merenda, um jantar etc.?

— Tenho confiança suficiente para pedir ajuda ou dá-la às pessoas do grupo?



*Edições
Loyola*

RUA 1822, 347
IPIRANGA
SÃO PAULO SP
IMPRESSÃO

A formação e desenvolvimento de Comunidades cristãs de leigos aparece atualmente, a todas luzes, como a grande urgência da nossa Igreja e, conseqüentemente, do nosso trabalho pastoral. Elas são o âmbito adequado para chegar a personalizar a fé e a vivê-la em con-vocação e co-responsabilidade com os outros; nelas, formar-se-ão os leigos capazes de ser, verdadeiramente, na prática, Igreja, superando a passividade e marginalização atuais.

Para que os primeiros entusiasmos dos grupos que se vão formando não decaiam com os primeiros escorregões, produzindo assim novas frustrações, é preciso deixar aberto um amplo panorama, suficientemente estruturado, em direção ao qual se possa caminhar, assim como uns materiais acessíveis, que evitem tanto as divagações das comunidades que começam, quanto o esforço do orientador para conseguir esses materiais; esforço esse que seria quase sempre impossível, se ele tivesse que realizá-lo sozinho.

Este livro oferece esses materiais, amplamente experimentados, para a primeira etapa da vida de uma comunidade, (o autor tem o projeto de continuar a oferecê-los para etapas ulteriores), na qual se estabelecem as atitudes pessoais e grupais requeridas para formar essa comunidade. Ao mesmo tempo, propõe-se a sua assimilação, sob a direção da Palavra evangélica e o confronto realista com ela, através de orientações de vida e questionários. Juntamente com tudo isso, outra série de materiais ajudam na iniciação à oração, no discernimento e avaliação, de forma que a comunidade possa iniciar o seu caminho de modo coerente e progressivo.